

AVULSO

1. ESC.
1.20

ANO II—N.º 97

25

MARÇO
1943



Vida por Vida!

*Vida
Mundial*

ILUSTRADA
Semanário gráfico de actualidades

RUMORES DO MUNDO

Quais os motivos que deram origem ao conflito diplomático recentemente registado entre os Governos soviético e iugoslavo?

O Governo de Moscovo enviou ao Gabinete Yugoslavo de Londres uma nota diplomática acusando o general Mihailovitch — chefe do exército «Chetnik» que combate na Yugoslávia e ministro da Guerra do referido Gabinete — de colaborar com as potências do Eixo. Acrescentava-se que o Governo soviético tinha provas das acusações que fazia — o que, como é de calcular, provocou grande escândalo e o protesto do Governo Yugoslavo.

Draga Mihailovitch foi o organizador do exército iugoslavo quando este se refugiou nas montanhas da Sérvia, após a invasão alemã. Isto era no Verão de 1941 e, desde então, Mihailovitch tem mantido as suas tropas em constante luta de guerrilhas.

Por esse motivo, o chefe iugoslavo gozava de grande simpatia e popularidade não só entre os membros dos Governos britânicos e americano, mas também entre os próprios Franceses Combatentes, o que levou o general De Gaulle a conceder-lhe com a Cruz de Guerra francesa, poucos dias antes de ter sido publicada a nota soviética.

A Yugoslávia viveu sempre mais ou menos dividida por questões raciais entre os partidários da «esquerda» e da «direita», assim como por discussões nacionais entre sérvios, croatas e eslovenos. Após a invasão italo-alemã, formaram-se três centros de resistência — os «Chetniks» comandados por Mihailovitch, que dominam a Sérvia; os «Partidários», que são na sua maior parte elementos do partido comunista e que ocupam posições na Croácia; e os guerrilheiros da «Liberdade Nacional» que operam na Eslovénia.

Apesar de todas as tentativas para os reunir sob a mesma bandeira, estas três organizações têm lutado entre si, ao mesmo tempo que combatem as forças de ocupação.

Há alguns meses, os «Partidários» principiam a acusar Mihailovitch de combater contra eles com mais entusiasmo do que contra o Eixo e de ser mais anti-comunista do que anti-nazi.

Ora, se por um lado, esta acusação parece ter seu quê de fantasista, por outro, há-de considerar-se como pouco provável que o Governo soviético fizesse, infundamentadamente, acusação tão grave — para mais contra o membro dum Governo que se considera seu aliado.

De um modo ou de outro, porém, o certo é que os dois Governos já chegaram, segundo se depreende de notícias muito recentes, a completo acôrdo, desconhecendo-se, todavia, os pormenores desse entendimento.

Para o aplanamento pacífico deste conflito, pouco vulgar entre os aliados, efectuou-se uma série de entrevistas e conferências em que tomaram parte os srs. Bogomolov, encarregado dos negócios soviéticos

junto do Governo Yugoslavo de Londres e o professor Yovanovitch, Primeiro-Ministro e Ministro dos Negócios Estrangeiros do Gabinete, presidido pelo jovem rei Pedro, da Yugoslávia.

Será verdade que o general Halder voltou a recuperar o seu antigo cargo de Chefe do Estado Maior alemão?

ESTA notícia foi dada, em primeira mão, pelo ex-correspondente em Berlim do *Aftonbladet*, de Estocolmo. Segundo esse jornalista, o general Franz Halder, antigo chefe do Estado Maior alemão, que fora substituído em Setembro do ano passado pelo seu colega Kurt Zeitzler, teria reocupado as suas funções o que se traduzira pelas grandes modificações registadas nas táticas alemãs desde a catástrofe de Estalingrado.



HALDER

A mesma informação específica que a Wehrmacht voltou a tomar o comando das operações militares logo a seguir à destruição do 6.º Exército do marechal Paulus.

No entanto, a confirmação desta notícia ainda não foi divulgada e, posteriormente, já nos chegou também a informação de que o general Halder havia sido nomeado comandante supremo das forças alemãs destinadas a fazer face a qualquer tentativa anglo-americana para a abertura dum segunda frente nas costas ocidentais da Europa.

Quais foram as interpretações dadas à visita de Monsenhor Spellman ao Vaticano?

O arcebispo de Nova York, Monsenhor Spellman, é uma das figuras mais curiosas do mundo católico. Gosta imenso de viajar de avião e possui o seu «breve» de aviador, o que fez com que o bom espírito «yankees» logo passasse, muito pitorescamente a chamá-lo o «Arcebispo com Asas»...



MONSENHOR SPELLMAN

A sua visita ao Vaticano, na presente conjuntura de guerra, fez levantar muitos boatos, uns absolutamente disparatados, outros com certo fundamento.

Desses boatos não queremos deixar de reproduzir dois que nos parecem mais curiosos. Vejamos o primeiro e que provém de alguns países neutrais: esta conferência destinava-se a preparar e estabelecer relações diplomáticas entre a Santa Sé e o Governo soviético...

Uma segunda versão, publicada no *Brooklyn Eagle*, de Nova York, informa-nos que Sua Santidade Pio XII tinha a intenção de ir viver, durante algum tempo, para a América Latina, possivelmente para o Brasil. A viagem — é o mesmo jornal que o diz, está claro — seria feita, provavelmente, de avião ou em submarino...

Assim, o motivo da ida de Mons. Spellman à Santa Sé seriam apenas os preparativos para a evacuação de Sua Santidade e arranjar os salvos-condutos dos beligerantes. Além disto, um dos principais motivos da missão do arcebispo seria servir de elemento de ligação entre o Papa e os vários Governos interessados na sua saída de Itália — o que equivale a supor que nenhuma das razões da viagem deve, afinal, estar ali expressa...

O facto do Papa continuar a estar profundamente interessado no restabelecimento da paz, pode levar a acreditar que foi esse o assunto mais discutido. A propósito, convém recordar que Mons. Spellman prestou serviços no Secretariado do Estado da Santa Sé, quando o actual Papa desempenhava as funções de Secretário, pouco antes da sua eleição para o trono de S. Pedro.

Quem é «sir» Charles Wilson, o médico assistente do Primeiro Ministro britânico?

COM a recente doença do sr. Churchill, apareceu na Imprensa diária uma nova personalidade que, embora tenha acompanhado sempre de perto a vida oficial e privada do chefe do Governo inglês, continua a ser para o grande público um simples desconhecido. No entanto, «sir» Charles Wilson é uma das grandes



sumidades médicas do Reino Unido. Dotado de excelente humor, atribue-se-lhe esta frase lapidária que tão bem o caracteriza:

«Se alguma vez eu tivesse que escolher entre o bom humor e o exercício físico como panacea dum vida longa, não hesitaria em receber uma boa dose de gargalhada».

Além, das suas funções oficiais junto do Primeiro-Ministro, «sir» Charles é o presidente do Real Colégio da Medicina e o médico-conselheiro dos programas do «Brains Trust» na B. B. C., ao microfone da qual responde a todas as perguntas de carácter profissional que lhe fazem os seus ouvintes.

Durante a outra guerra, ganhou a Cruz Militar, quando fazia serviço no 1.º Batalhão dos Fuzileiros Reais e durante o presente conflito pode considerar-se o médico mais ocupado de toda a Grã-Bretanha, pois, a acrescentar às muitas outras ocupações citadas e não citadas, «sir» Charles foi também responsável pela completa reorganização dos hospitais de guerra britânicos.

Inspeccionou recrutadas e advogou o uso das experiências de Raios X para evitar que indivíduos atacados de tuberculose fossem dados como capazes para o serviço militar.

Em Setembro de 1941, «sir» Charles Wilson esteve em Moscovo com a missão chefiada por Lord Beaverbrook e quando regressou a Londres iniciou uma campanha que teve como resultado o envio de grandes quantidades de material sanitário de necessidade vital para as tropas russas da frente oriental.

Sir Charles tem, além de tudo isto, acompanhado o sr. Churchill em todas as suas viagens ao estrangeiro como seu médico assistente.

Será verdade que o marechal Rommel foi transferido da frente tunisina para a frente oriental?

INFORMAÇÕES provenientes da capital sueca dão-nos a entender que o marechal Rommel assumiu o comando dos exércitos germânicos da frente russa.

O já célebre chefe militar alemão, segundo a referida fonte de informação, fora indigitado para exercer um elevado posto de comando na Rússia desde Outubro do ano passado, quando regressou da Líbia para conferenciar com o chanceler Hitler. O seu indigitado sucessor na direcção do «Afrika Korps» era o general Guderian, o maior perito alemão em unidades blindadas que, nessa altura, estava a restabelecer-se dum ferimento grave, recebido durante um combate nas proximidades de Gomel.

A ofensiva britânica de El Alamein, iniciada a 24 de Outubro foi, todavia, considerada, na capital alemã, tão perigosa, que Rommel recebeu ordem para regressar ao Egipto, pois, o Alto Comando tinha esperança de que, com a sua experiência e conhecimentos da guerra no deserto, pudesse fazer face à situação.

Entretanto, ou antes, desde o desembarque anglo-americano no Norte de África Francês, o general Arnim exercita-se em experiências para vir a tomar conta do comando de todas as forças do Eixo em campanha no Norte de África.

Como os exércitos africanos do III Reich parecem preparar-se para os derradeiros combates na Tunísia, aproveitar-se-ia a ocasião para transferir Rommel da Líbia para a Rússia oriental.

Se assim for, não deixará de pôr em execução o conhecido «Plano de Moltke», considerado uma das obras-primas de concepção militar do grande cabo de guerra prussiano.

Este plano foi elaborado em 1880 pelo marechal de campo Helmuth von Moltke, num momento em que as relações diplomáticas entre a Rússia e a Alemanha eram muito tensas.

Moltke era de opinião de que não havia possibilidade de esmagar decisivamente, sob o ponto de vista militar, o Império russo e, por isso, declarou que o exército alemão não podia manter posições na Rússia, a leste dum linha que se estendia desde o Lago Peipus, ao longo do rio Dvina, dos Pântanos de Pripet e do Dnieper até Kherson ou Odessa.

Segundo se crê, é esta a linha que alguns dos mais competentes observadores militares da Wehrmacht consideram o ponto ideal da frente defensiva dos exércitos germânicos na presente fase das operações no oriente da Europa.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO

FIGURAS, PALAVRAS E GESTOS

Entre nós



O sr. Presidente da República inaugurou na passada quarta-feira, nos salões do Teatro Nacional, a Exposição do Livro Italiano — certame onde figuram obras de grande valor editorial e histórico, enviadas por algumas das mais importantes casas editoras, bibliotecas e museus italianos. O sr. general Carmona foi recebido à entrada do edifício pelo sr. Ministro de Itália, que se encontrava acompanhado por todo o pessoal diplomático e dirigentes dos organismos culturais italianos no nosso País. Aguardavam também o Chefe do Estado várias individualidades, entre as quais o sr. Ministro e Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional; Sub-Secretário de Estado da Economia; Embaixador de Espanha, Ministros da Alemanha e do Japão; major general da Armada; comandante geral da G. N. R., dr. Gustavo Ramos, presidente do Instituto para a Alta Cultura; dr. Júlia Dantas; prof. Queiroz Veloso; dr. Hernani Cidade; generais Pereira dos Santos e Vieira da Rosa; coronel Cameira, coman-



dante geral da P. S. P.; Augusto Pinto, pelo Sindicato Nacional dos Jornalistas; presidente do Grémio dos Editores e Livreiros, etc. Entre os convidados viam-se as figuras mais em destaque no nosso meio cultural e artístico. O sr. General Carmona percorreu demoradamente a valiosa exposição, mostrando o maior interesse pelos trabalhos que ali se encontram. São d'êste acontecimento cultural as três fotos que publicamos nesta página.

À direita, vê-se a galeria de quadros que o sr. Augusto Molder expõe no Salão de Festas do jornal «O Século». São 260 trabalhos de categorizados artistas nacionais e estrangeiros, em profuso conjunto, onde se observam algumas obras de aprêço. Trata-se dum empreendimento corrente em tôdas as cidades europeias, facultando ao pública a aquisição de trabalhos, não só dum, mas de muitos artistas; um mercado artístico, afinal.



No Secretariado da Propaganda Nacional foram inauguradas duas exposições de Anne Marie Jauss e Simone Maia Loureiro, a que assistiu o sr. António Ferro, director daquele departamento do Estado, acompanhado de António Eça de Queiroz e Guilherme Pereira de Carvalho. Acorreu, ali, numeroso público, para ver os 85 trabalhos das duas pintoras. Simone Maia de Loureiro, expõe 18 retratos a óleo e a aguarela, 3 estudos a óleo e a aguarela e 21 desenhos, e Anne Marie Jauss expõe 11 óleos, 22 aguarelas e 4 desenhos.



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XVIII - A ofensiva japonesa

4

HONG-KONG E AS FILIPINAS

COMO já dissemos, o desastre americano em Pearl Harbour, saldando-se pela inutilização temporária de uma parte da esquadra norte-americana do Pacífico, era a operação preliminar que havia de abrir aquele Oceano à ofensiva nipônica. Esta es-
preou-se, simultaneamente, no continente asiático e para o Sul, sendo agora, a mais de um ano de distância, lícito perguntar se essa tática inicialmente posta em prática não teria sido fatal para os desígnios do governo de Tóquio. Tinham os japoneses forças e recursos suficientes para se aventurarem em tão arriscada empresa? Ou estariam decididos a correr os mesmos riscos que correram os seus aliados da Europa, os quais dispersaram os seus esforços sem terem conseguido realizar nenhum dos objectivos essenciais que se haviam proposto, com a realização

da guerra relâmpago? Em ambos os casos é evidente que a fraqueza de que o adversário dava mostras constituía um incitamento para os cometimentos mais arrojados. Mas em ambos os casos, também, desde que não era possível dar a esse adversário um golpe que o prostrasse irremediavelmente, tornou-se necessário contar com a capacidade de recuperação e, sobretudo, com os seus recursos praticamente inexgotáveis. O golpe de Pearl Harbour pode, no caso da guerra no Extremo Oriente, equiparar-se à derrota da França no ocidente. As consequências, num e noutro casos, foram também idênticas. Tudo indica que o Japão tenha exagerado a falta de capacidade de resistência do inimigo e que essa idéia, excessivamente optimista, se tenha revelado fatal para a execução dos planos dos seus dirigentes.

De momento, porém, o desastre de Pearl Harbour, agravado pela perda dos navios de linha ingleses «Prince of Wales» e «Repulse», a que mais pomposamente nos referiremos noutro capítulo, abria francamente o caminho à ofensiva nipônica no continente asiático e no Pacífico. Os japoneses, que haviam preparado cuidadosamente várias expedições, não tiveram mais trabalho do que fazê-las seguir para os pontos que previamente haviam assinalado nos seus planos. Pode dizer-se que a execução destes correspondeu inteiramente ao cuidado com que as expedições foram

organizadas. Os executantes revelaram-se, em tudo, dignos dos organizadores que lhes haviam preparado o caminho.

CINCO EXPEDIÇÕES

Os japoneses tinham preparado cinco expedições: a primeira, para Hong-Kong; a segunda, para as Filipinas; a terceira, para as Índias Holandesas; a quarta, para a Tailândia; a quinta para a Malásia. Todas elas concluíram por um resultado satisfatório para os seus organizadores e executantes. A campanha da Birmânia, que também deve ser incluída na descrição da grande ofensiva nipônica deste período, embora estivesse incluída nos planos do Estado Maior japonês, só mais tarde se iniciou e surgiu como a consequência natural dos êxitos alcançados com as expedições anteriores. De uma forma geral, pode dizer-se que a ofensiva japonesa se espalhou, durante seis meses, sem encontrar qualquer oposição séria. Deveu-se ao limiar da Índia, ao ocidente, e ao limiar da Austrália, ao sul, mais talvez pelo desmedimento da empresa do que pela resistência organizada do inimigo.

Como a operação contra Hong-Kong foi a primeira que se completou com a vitória dos atacantes ainda no decurso do mês de Dezembro de 1941, faremos a essa parte da ofensiva nipônica uma referência imediata. A guarnição de Hong-Kong era, sobretudo quando posta em comparação com os meios poderosos empregados pelos atacantes, relativamente insignificante. Compunha-se, essencialmente, de seis batalhões de infantaria, dois ingleses, dois indianos e dois canadenses. O valor combativo destes contingente era diverso, mas, de uma forma geral, pode dizer-se que os defensores de Hong-Kong fizeram tudo o que era humanamente possível para resistirem honrosamente aos atacantes.

Além destes seis batalhões havia uma força de voluntários e destacamentos insignificantes da armada e da aviação. Dado o carácter montanhoso da região, não é fácil instalar, nos aeródromos de grande valor militar. O único que existia, o aeródromo de Tai-Tak, tinha uma guarnição insuficiente e um número de aparelhos que tornava improvável qualquer resistência séria desde que esta tivesse de depender de uma protecção aérea numerosa e eficaz. Estas deficiências, que aliás eram do perfeito conhecimento do comando japonês, influenciaram decisivamente a marcha das operações em Hong-Kong, as quais, depois de decorrerem com certa violência, se liquidaram, como não podia deixar de ser, pela rendição incondicional dos defensores.

A LUTA EM HONG-KONG

A luta iniciou-se no dia 8 de Dezembro. Os japoneses atacaram com uma divisão de infantaria disposta ainda de uma outra divisão de infantaria de reserva. As tropas britânicas, em retirada, destruíram pontes e lançaram fogo a tudo que pudesse ser utilizado pelos atacantes. Ao mesmo tempo concentravam-se em posições defensivas relativamente fortes, onde esperavam poder aguentar-se durante algumas semanas. No

dia 9 os britânicos ocuparam a chamada linha Gindrinkers que havia sido previamente preparada com os recursos de que dispunham as autoridades locais. Na noite desse dia, os japoneses atacaram com grande energia e conseguiram ocupar algumas posições de certa importância. Não puderam, entretanto, explorar o seu êxito inicial. No dia 11 a luta estabilizou-se, mas no dia seguinte reacendeu-se tendo os japoneses pôsto em linha novos efectivos. Os britânicos empenharam, então, na luta todos os seus elementos disponíveis conseguindo, ainda dessa vez, estabilizar a linha de resistência. Mas era evidente que esta não poderia prolongar-se por muito mais tempo.

No dia 12, os japoneses realizaram um intenso bombardeamento de artilharia. Os atacantes não ignoravam, já nessa altura, que os chineses residentes em Hong-Kong, os quais constituíam a maioria da população civil, começavam a levantar dificuldades à acção das autoridades locais e que essas dificuldades eram, sobretudo, provenientes da escassez de gêneros alimentícios e entre estes do arroz que começara a faltar logo nos primeiros dias de luta. Os japoneses tomaram a iniciativa de enviarem um emissário, para negociar a rendição incondicional da cidade, tendo esta proposta sido, pura e simplesmente, repelida pelo governador Mark Young.

A esta recusa responderam, por sua vez, os japoneses intensificando o bombardeamento da cidade com a sua artilharia, prolongando-se este, ininterruptamente, durante quatro dias. A réplica da artilharia britânica era enérgica mas não bastava para dominar a voz dos canhões nipônicos. Ocupando a linha de Lamau, no sudeste de Hong-Kong, os japoneses revelaram claramente o propósito de realizarem um desembarque se os defensores insistissem em defenderem-se.

A RENDIÇÃO DA CIDADE

Em 17 de Dezembro um novo emissário japonês atravessava a linha de fogo para entregar aos sitiados uma proposta de rendição. O governador Mark Young respondeu com uma nova recusa categórica, concedida nos seguintes termos: «O Governador e Comandante chefe da praça de Hong-Kong declina, de maneira categórica, a proposta para entrar em negociações com os japoneses. Aproveite, porém, esta oportunidade para fazer saber ao tenente general Takahashi Sakai e ao vice almirante Masaiichi Niimi (os chefes japoneses que dirigiram o ataque) que não receberá qualquer outra comunicação sua sobre o mesmo assunto». O Secretário de Estado para as Colónias telegrafou de Londres ao Governador, nestes termos de entusiástica admiração: «A vossa recusa de considerar o pedido japonês para negociar os termos da rendição de Hong-Kong merecem a aprovação e o respeito do governo de S. M. A vossa firme direcção das operações e a conduta heróica dos vossos subordinados são seguidas, com admiração e confiança, pelo Império britânico e por todos os nossos Aliados em todo o mundo».

Na noite de 18 para 19 de Dezembro, os japoneses iniciaram o desembarque com o auxílio de cortinas de fumo. Os britânicos contra-atacaram com energia. A população, apesar de

O general Mac-Arthur, que tão gloriosamente defendeu as Filipinas no primeiro impeto do ataque nipônico, com o seu sucessor no comando das tropas nesse sector do Pacífico, o general Wainwright.





O embaixador Wíncant

tudo, mantinha-se calma embora o seu descontentamento não oferecesse dúvidas. Mas as tropas começavam a dar sinais evidentes de cansaço e a falta de munições e abastecimentos de toda a espécie começava a fazer-se sentir de maneira alarmante. De 20 a 24 de Dezembro os ataques nipónicos intensificaram-se, utilizando os atacantes meios materiais crescentemente poderosos. A falta de géneros alimentícios aparecia agravada pela falta de água. Os soldados estavam estenuados por duas semanas de combates incessantes e, embora o seu moral continuasse a ser elevado, as suas condições físicas ressentiam-se do esforço dispendido. Na véspera de Natal foi decidida a rendição da cidade a qual se realizou de acordo com imposições do comando japonês. Das tropas britânicas empenhadas na luta ficaram seis mil prisioneiros pois era este o número dos que haviam conseguido escapar à acção mortífera dos ataques nipónicos.

O ATAQUE ÀS FILIPINAS

O início do ataque às Filipinas coincidiu com o desastre de Pearl Harbour. Em Washington não alimentavam quaisquer dúvidas de que este arquipélago seria violentamente atacado desde o início. Eram várias as razões que justificavam esta suposição. Desde que o carácter precário da economia nipónica contrariava a ideia de uma guerra de longa duração a sustentar pelos japoneses, estes eram obrigados a apoderar-se das Índias Holandesas sob pena de terem de interromper rapidamente o seu esforço de guerra. A posse do arquipélago holandês só seria possível depois de removido o obstáculo militar que representava a existência de uma guarnição relativamente forte nas Filipinas que constituíam uma posição estratégica de primeira ordem. Além destas razões, outras, de ordem puramente militar, indicavam que o ataque ao arquipélago das Filipinas era indispensável para a execução dos planos nipónicos. A aviação japonesa devia desempenhar um papel preponderante no decurso das operações. Impunha-se, portanto, a necessidade de arranjar rapidamente aeródromos adequados para que a ofensiva, em direcção ao sul, não fosse retardada. Esses aeródromos só podiam ser encontrados no arquipélago filipino.

Estas razões não eram ignoradas pelos chefes militares norte-americanos, mas não tinham bastado para que a organização defensiva das Filipinas fosse aquilo que deveria ser. E, como de resto em todos os outros pontos e posições que constituíam a barreira defensiva do continente americano no Pacífico, as precauções tomadas eram bem pouco em comparação com a grandeza do perigo que impendia sobre ela. Tratando-se do último elo da cadeia insular que separa as costas do continente americano da Ásia, a sua importância estratégica é primordial e a sua importância política e económica considerável. Escala marítima entre o ocidente e os mercados extremo-orientais, a sua significação como base naval foi a razão mais forte que justificou a sua ocupação pelos norte-americanos. Essas circunstâncias não passaram suficientemente para que a sua defesa correspondesse à importância incontestável que o arquipélago tinha.

A IMPORTÂNCIA DE MANILA

No dia 7 de Dezembro, ao mesmo

tempo que os aviões torpedeiros nipónicos despejavam as suas cargas sobre a base de Pearl Harbour, as principais ilhas do arquipélago filipino eram também sujeitas a violentos bombardeamentos de aviação. Luzon, Mindanau, Palauan, Apori, Vigan, foram nomes que passaram, rapidamente, para o primeiro plano do noticiário jornalístico e começaram a chamar a atenção do público para os acontecimentos que entravam de se desenrolar naquelas paragens. Os primeiros telegramas de Washington informavam que os principais estragos se haviam registado na ilha de Luzon, onde fora objecto de violentos ataques o quartel general das tropas americanas, situado em Fort Stotsenburg. Esta fortaleza ficava apenas a algumas centenas de quilómetros da capital do arquipélago, a cidade de Manila, que, segundo todas as probabilidades, seria o objectivo a atacar em seguida pelos japoneses. Os quartéis, depósitos de munições e aeródromos foram sujeitos a um bombardeamento sistemático e metódico o que claramente indicava que a operação havia sido preparada, em todos os seus pormenores, pelo Estado Maior nipónico. A base aérea de Clark Field, a mais importante que os americanos possuíam nas Filipinas, tinha sido violentamente atingida.

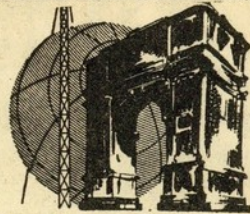
Em Davau, um porta-aviões americano, segundo informações de origem nipónica, fora atingido num raid efectuado por três aparelhos da arma aérea. O campo de instrução militar de Ord bem como os arredores de Manila, onde se localizavam instalações que interessavam a defesa da ilha de Luzon, começaram também a ser enérgicamente atingidos pelos aparelhos japoneses. Não tardou, como era de esperar, que a capital das Filipinas sentisse igualmente os efeitos devastadores dos ataques aéreos. Os primeiros estragos registados eram já de certa importância. Registraram-se numerosas explosões em depósitos de munições e de combustíveis. Só então começaram a ser exercidas medidas de vigilância e de repressão em relação aos súbditos japoneses residentes no arquipélago. Só em Manila foram presos cinco mil. Uma grande parte deles era acusada de ter praticado actos de sabotagem.

UM COMUNICADO OPTIMISTA

O primeiro comunicado do comandante militar das Filipinas, que depois tão grande nomeada devia conhecer, o general Mac-Arthur, era optimista: «Os japoneses durante os seus ataques às Filipinas sofreram consideráveis perdas. Há muito tempo que elaborámos os planos de defesa do arquipélago. Estamos calmos e confiantes quanto ao resultado da batalha. Os acontecimentos não tardariam a desmentir rudemente as primeiras impressões, francamente optimistas, do general Mac Arthur. Um dos seus primeiros cuidados foi o de ordenar a evacuação da população civil da cidade que tinha escassos recursos para se defender contra os ataques aéreos que, segundo todas as probabilidades, iam aumentar de intensidade. Embora as condições económicas da ilha de Luzon lhe permitissem suportar um bloqueio relativamente prolongado, o que se não dera em Hong-Kong, não era de calcular que os japoneses deixassem de tentar desembarques, deixando que a luta se prolongasse por muito tempo. O tempo era uma das condições que norteavam a sua acção e o tempo para os japoneses urgia.

Efectivamente o primeiro desembarque realizou-se, na parte norte da ilha de Luzon. A esse desembarque outros se seguiram realizados em Apori, Vigan e Iba e esta circunstância denunciava, claramente, o propósito em que se encontravam os japoneses de não permitirem que os americanos organizassem eficazmente a defesa do arquipélago. O seu objectivo fundamental era surpreender e desarticular o sistema defensivo ame-

**ESCU TAI
ROMA**



**NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS**

Portugal Horas de	Programa	Postos	Metros	Kc/s
8.50	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
13.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
16.10	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 11	41.55	7220
		2 RO 26	48.23	6220
18.00	Noticiário	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 66	19.61	15300
22.50	Noticiário	2 RO 22	25.10	11950
		2 RO 18	30.74	9760
		2 RO 3	31.15	9630
			221,10	ondas
			263,20	médias
1.00	Noticiário	2 RO 22	25.10	11950
		2 RO 19	29.04	10330
		2 RO 18	30.74	9760

CONVERSAÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

22.10	aos domingos	39,80
22.20	às quartas-feiras	31,41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

ricano não permitindo que o adversário se recompusse e tirando todo o efeito da surpresa inicial. Via-se bem que os chefes militares nipónicos haviam aproveitado cuidadosamente as lições da guerra relâmpago na Europa. A sua acção desenvolvia-se com um método e com uma segurança notáveis, os quais denunciavam a preparação metódica da empresa e documentavam a excelência dos seus serviços de espionagem. Estes tinham contribuído, poderosamente, para os êxitos nipónicos. O general Mac Arthur reconheceu que só lhe restava o recurso de alimentar, o mais prolongadamente possível, a resistência de Luzon concentrando nessa ilha todos os elementos defensivos de que dispunha. Essa tarefa soube o general norte-americano realizá-la com superior competência.

A INTENSIDADE DOS ATAQUES

No dia 10 de Dezembro o optimismo de que inicialmente dera mostras o quartel general de Mac-Arthur modificava-se sensivelmente. O comunicado desse dia assinalava a existência de importantes formações navais e aéreas dos japoneses na área de Luzon. Em Vigan os japoneses tinham tentado desembarques bem sucedidos de paraquedistas o que acentuava a impressão de que os dirigentes militares de Tóquio empregavam os meios de guerra que tinham provado excelentemente na luta sustentada na Europa pelos seus Aliados. A aviação americana baseada em Luzon fazia prodígios para enfrentar, o mais eficazmente possível, a incontestável superioridade numérica e material do inimigo. Uma informação de origem americana atingido, durante a primeira fase da luta, em frente da ilha o duraçao do nipónico «Harma».

As fortalezas de Cavite e de Corregidor constituíam a base essencial sobre a qual se apoiava o sistema defensivo de Manila. Era contra elas, portanto, que os japoneses teriam de fazer incidir os seus melhores esforços pois sem a sua posse a resistência da cidade e da ilha podia prolongar-se durante um prazo de tempo

relativamente longo. Do lado americano não havia dúvidas de que a desproporção dos efectivos e dos meios materiais empenhados na luta transformavam esta numa operação de retardamento a conduzir, o mais demoradamente possível, mas sem qualquer esperança de alterar o sentido do seu desenvolvimento. O desenlace não podia deixar de ser uma rendição. Tudo estava, porém, nas circunstâncias em que essa rendição deveria operar-se e se antes que ela se produzisse seria possível retardar o avanço nipónico durante o tempo suficiente para acautelar a defesa das restantes posições americanas do Pacífico e especialmente a defesa da Austrália onde as características fulminantes da ofensiva japonesa tinham suscitado um sentimento compreensível de dúvida e de receio. Era, portanto, na defesa da Austrália que sobretudo os americanos pensavam, quando defendiam tenazmente as Filipinas.

(Continua)

UMA GOTA DE «HERPETOL»
e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, urticárias na pele, etc. ATÉ HOJE NINGUÉM NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drograrias
Preço avulso: 11\$00

PASTA MEDICINAL

Couto

Evita as doerças da boca



Lisboa afunde a dançar..

UMA REPORTAGEM DE
MANUEL MARTINHO

NA nossa sociedade, presentemente, aprende-se de tudo. Desde a arte de cozinhar e fazer doces, até ao francês prático em quinze lições, tudo vem reclamado nas páginas

de anúncios dos periódicos.

Fazem-se costureiras em série, pelo corte «Luc», ensina-se a bem cavalgar em picadeiros de «élite», dão-se conhecimentos de T. S. F. por correspondência, executam-se guarda-livros, com a mesma facilidade com que se prepara um retrato «à la minute». Tudo isto, afinal, é progresso. As sociedades caminham vertiginosamente, num ritmo nervoso. Todos desejam viver a hora que passa, com o mínimo desperdício de tempo. Eis a razão porque também em Lisboa se ensina a dançar.

Há cursos individuais e colectivos. A finalidade é, porém, a mesma: fazer mover os pés e o corpo ao som da música...

A dança moderna é bem diferente daquela que os nossos avoengos, todos mesureiros, alardeavam pelos salões. Foi-se o «minuette», a quadrilha, a «polka», a valsa a «dois tempos». Hoje é o «swing» a «conga», a «rumba» o «fox», o tango, o vira. Da delicadeza e do donaire antigos nada resta. O «jazz» e os batucques americanizados, a estridência das trompetes, a plangência dos

«saxofones» gritaram a vitória dum longo triunfo. E o «jazz» que domina, que embriaga. O seu ritmo nervoso subjuga os corpos que se entrelaçam frenéticos. É uma luta à procura do ritmo. O «swing», então, louco, arrebatado, cheio-duma luxúria estranha, impera como dança da moda. No «cabaret», no clube, na própria sociedade de recreio bairrista, infiltrou-se e levou, no ritmo da sua loucura de batucque, os pares, num rodopio vertiginoso que só pára quando o homem da trompeta arfando, vermelho, de suor no rosto já não tem fôlego para asso-prar!...

* * *

As escolas de dança, em Lisboa, têm uma frequência enorme. A gente que as frequenta vem daqui e de acolá: estudantes, empregados de lojas que querem fazer furor lá no bairro por causa de qualquer Belmira que se riu dos tombos da primeira valsa—e burgueses provincianos que desejam, ardentemente, fazer escândalo no clube da terra com uma exibição de «swing».

Cada aluno tem a sua hora escolhida—e paga, mensalmente entre sessenta a cem escudos. Os professores geralmente não dançam ou por outra: já dançaram—e agora ensinam. Têm por isso, por ajudantes, graciosas raparigas, que, coitadas, suportam as infundáveis pisadelas de uma legião de candidatos a dançarinos.

Dois «corpo-a-corpo» formidáveis. Não são de «bóx» — são de dança, durante a lição...



—Vá lá, vá lá não se ria, que o passo não custa nada...

—Assim, deite o pézinho com elegância, que o vinco da calça há-de ficar bem direito...



COMO EU VEJO o filme "O COSTA do CASTELO."

POR FERNANDO FRAGOSO

É, quanto a nós, um sacrifício que a sociedade ainda não encarou como merecida. Vezes há em que o professor necessita de valsas com o aluno para lhe ensinar uns determinados passos. Ao som dum grafonola eléctrica, onde o disco do «Demónio Azul» é pela milésima vez riscado, o professor, com a habilidade que os anos de experiência lhe deram, faz o jovem iniciado requebrar-se, lânguido, nos acordes vieneses de Strauss. A maneira de colocar a mão, a entrada do pé esquerdo, o calcanhar levemente levantado, a própria maneira de «convidar à valsa» constituem temas de lições, que, dia a dia, o aluno vai conhecendo. Semanalmente, faz-se um baile.

Ai o aluno pode dar largas à folia — e pisar, também, os condiscipulos...

Todavia, o professor nunca o perde de vista. Nos intervalos vai corrigindo. Um dos principais defeitos, por exemplo, é o do braço direito que se deve conservar firme e não, como muitos fazem, balançar ao som da música.

—Dá a impressão — frase expressiva dum distinto professor — que andam a tirar «água à bomba»...

A arte de bem dançar é quasi intuitiva. É bem verdade que ninguém nasce ensinado. Mas há pessoas que aprendem a dançar sem nunca terem frequentado uma aula de dança. Começaram, como todos começam, por pisar, por empurrar. Ensaiaram os primeiros passos numa marcha, depois veio o «fox», o tango, e, numa dada altura, viras, valsas, maxixes, ligeiras de ritmo a que emprestam elegância.



Em Lisboa dança-se muito: nas verbenas, nos salões, nas sociedades baistristas, a dança é o divertimento domingueiro duma população trabalhadora que, ardorosamente, deseja folgar. O baile é, para esta mocidade, a forma expressiva da alegria.

Mas a orquestra, a grafonola, ou o «jazz» não é só nervos «swingistas», frenesim de samba, loucura e esgare de «big-upp»... As vezes, «para recordar», fazer saúde aos que tiveram mocidade uma vintena atrás — rompe de lá uma «mazurka», uma valsa que fizera furor e que, traiçoeiramente, quando os pares se deixam ir nessa carícia embaladora, logo se transmuda outra vez em esgueroviada gritaria — para atrapalhar os pares...

São as vicissitudes do tempo, da vida e dos bailes — que para alguma coisa o professor se fartou de dar lições lá na escola...



QUANDO Artur Duarte pensou em realizar «O Costa do Castelo», travou-se larga discussão sobre se a peça de João Bastos, que o público havia aplaudido,

durante um verão, no Politeama, era, ou não, susceptível de dar matéria para um filme. Como de costume, as opiniões dividiram-se... E a polémica atingiu tal acuidade que houve quem chamasse sobre si o generoso encargo de dissuadir os produtores, procurando provar-lhes a manifesta impossibilidade de extrair dali um argumento capaz de ser transportado para a tela branca.

Já então a Tobis me havia confiado o encargo de fazer a adaptação e escrever a sequência cinematográfica da obra de João Bastos... Pela minha parte, eu, que nunca vira a peça, e dela tomara conhecimento pelo original dactilografado, pensava exactamente o contrário: «O Costa do Castelo» tinha motivos de sobra para constituir a base dum espectáculo, que estivesse para o Cinema, como a peça estava para o Teatro.

O êxito alcançado pela comédia aconselhava, de resto, a não alterar profundamente, nem o sentido, nem as intenções, nem o estilo da obra, quando se se tratasse de a verter em imagens.

O «Costa do Castelo», na realização de Artur Duarte, surgiu sob a sua forma cinematográfica. O público está dizendo de sua justiça. A crítica já se pronunciou. O «verdictum» de um e outro é favorável àqueles que viram, na peça de João Bastos, o filme que está agora a correr.

O mais curioso é que, entretanto, apareceu, sob responsabilidade do nome de um dos mais acérrimos adversários da ideia de levar para a tela «O Costa do Castelo», um filme, com argumento expressamente escrito para o cinema, e que redundou muito mais teatral, na forma e na expressão dos elementos do espectáculo, do que esta película, cuja inspiração se baseou numa obra concebida e realizada para os estreitos limites dum palco.

Com isto não pretendemos, indirectamente, exaltar o trabalho de adaptação, mas evocar os imponderáveis que o cinema traz consigo — e a manifesta impossibilidade de se ser profecta por instinto.

* * *

Artur Duarte deve estar contente. E aqueles que conhecem as suas qualidades de trabalhador, o seu amor por estas coisas de cinema, a sua coragem de perseverar e o seu desejo de vencer — congratulam-se também com o êxito legítimo que o seu novo filme alcançou.

Artur Duarte precisava de libertar-se dos fantasmas da «Casa Mourisca». Nada mais injusto do que certa campanha feita em redor do seu nome, a propósito daquele filme.

O realizador Artur Duarte

Cinematograficamente, os «Fidalgos» era melhor do que muitas produções saídas dos estúdios, antes e depois da sua apresentação. No entanto, a película foi prejudicada por factores estranhos ao labor de Artur Duarte, como director, desde a ideia infeliz de actualizar uma história que era, fundamentalmente, de outros tempos, até à má interpretação de algumas das figuras principais, que não tinham a presença, nem «a raça» que os papéis requeriam...

O realizador suporta, pela natureza do cargo, as responsabilidades do que possa acontecer. E Artur Duarte agüentou com as suas culpas, que eram algumas — e com as alheias, que eram muitas — e pesadas.

Com «O Costa do Castelo», Artur Duarte repõe a sua categoria de realizador, na posição que lhe cabe por direito próprio. Revela amplamente o resultado da longa experiência dos estúdios, os conhecimentos da técnica, o domínio da arte de filmar. E sob o ponto de vista de preparação e de organização, ninguém o excede em cuidados e meticulosidade — factores que se reflectem na economia geral do filme e no rendimento do próprio espectáculo.

«O Costa do Castelo» é, tecnicamente, um filme honesto, limpo, com um verniz de acabamento a que não estamos habituados. Entre este e a

maioria dos filmes nacionais que temos visto, vai a distância duma peça de madeira em bruto para outra, igual, cuidadosamente polida...

* * *

«O Costa do Castelo» não é evidentemente um filme perfeito. Nem poderia ser. A inexperiência nacional e as dificuldades económicas com que luta a própria indústria impedem-nos, dum modo geral, de dar aos nossos filmes a altura que poderiam ou que deveriam atingir. A inexperiência, a que aludi, faz-nos incorrer em erros, maiores ou menores. O problema económico da indústria (preço elevado do custo e dificuldades de amortização) não consente as «emendas» posteriores. Em regra, é impossível refazer cenas ou modificar as que resultam mal.

O cineasta português está, assim, na situação do escolar em face do exercício de redacção, que não pode passar a limpo.

...Dai, até certo ponto, os borrões, as razuras, as palavras riscadas e as entrelinhas de «O Costa do Castelo»...

* * *

Falei da inexperiência. E podia falar da ignorância. O português levou para o cinema as suas ex-



PAULA WESSELY

Uma das grandes
figuras femininas
do cinema europeu



traordinárias faculdades de adaptação e improvisação. Mas não é ao fim de dez filmes, que a experiência e o saber descem sobre os técnicos, em noventa e nove por cento dos casos, autodidatas, cheios de boa-vontade.

É por isso que concordo inteiramente com o meu prezado camarada Raúl Faria da Fonseca, que, ao longo de duas jornadas, levou a sua análise crítica ao rigor da quinta casa decimal, para nos dizer que «O Costa do Castelo» seria muito melhor «se mais se houvesse cuidado da seqüência, se a montagem fosse mais perfeita, se a história tivesse um ritmo mais rápido, se o produtor percebesse alguma coisa do seu ofício, se a planificação revelasse mais acerto e a direcção mais apurado sentido estético»...

Concordo inteiramente com estas opiniões, mas vou mais longe: onde Faria da Fonseca vê apenas falta de cuidado ou imperícia remediável, eu vejo a tal ignorância e a tal inexperiência. E escrevo estas linhas com a vontade, porquanto me considero o mais ignorante e inexperto de quantos entrevistaram no filme, mas também no número daqueles que procuraram trabalhar com o maior desejo de fazer obra honesta, útil e tanto quanto possível acertada.

E fico a pensar o que seria «O Costa do Castelo», produzido pelo David O'Selznick, realizado por William Wyler, com um argumento tratado pelo Riskin, e montagem de William Holmes...

Uma maravilha, por certo!... Ou talvez não...

Esta tendência para dizer que um filme poderia ser muito melhor, se aquilo que o prejudica fosse de boa qualidade — parece-me um juízo crítico demasiado cómodo e simplista, tanto mais que se pode aplicar, dum modo geral, essa insatisfação, essa louvável ânsia de perfeição estética, a todos os filmes, nacionais ou estrangeiros, que se exibem à roda do ano.

A meu ver, o que importa, de momento, no caso nacional, é pôr o problema do filme perante o público e perante a indústria — isto é, apreciar, em conjunto, o seu valor como espectáculo e o que representa como progresso dessa mesma indústria, ressaltando, claro está, as directrizes, o conteúdo, as intenções, a dignidade artística, que presidiram à sua concepção e à sua factura.

Como espectáculo — o «Costa do Castelo» alcançou o favor do público. No estado actual da nossa indústria, o facto tem uma importância primacial. Parafraseando Jouve, não há «cinema sem êxito». Como obra saída dos nossos estúdios — acusa um evidente progresso técnico, sente-se que é o produto do trabalho duma «equipa» que deu bom rendimento, dentro das suas possibilidades.

Se o filme agrada plenamente ao grande público, e se revela um progresso nitido, sob o ponto de vista técnico — temos razões de sobejo para nos congratularmos.

* * *

Não nutro a pretensão de fazer uma crítica. Em boa verdade, nem sequer a posso fazer. Acompanhei, passo a passo, as filmagens de «O Costa do Castelo». Desta situação resulta uma certa ternura sentimental por uma obra à que consagrei muitas horas do meu trabalho. Por outro lado, conheço os factos que originaram, em grande parte, os borrões, as palavras riscadas, as razuras de «O Costa do Castelo»...

Assim, por exemplo, a falta de planos da Herminia Silva, na seqüência da «Gruta do Fado», e a

conseqüente abundância de aspectos da assistência, de pormenores dos «violões» e guitarristas e até de «gros-plans», dos instrumentos — aligura-se, aparentemente, não resta dúvida, um erro de planificação ou de montagem. No entanto, a explicação é outra: as dificuldades de transportes, originadas pela guerra, trouxeram a escassez do filme virgem. Houve que aproveitar o celuloide há muito tempo nos depósitos... Os planos da Herminia foram filmados com película em mau estado... Tiveram que ser inutilizados na quasi totalidade — e como recurso «encheu-se» o tempo do fado com outras imagens, que não eram aquelas que interessavam...

Quanto à montagem, que reconhecimento poder ser melhor — ou pelo menos, diferente — tão pouco me sinto à vontade para a criticar. Porque, para montar o filme, a Tobis contratou Saint-Léonard... Saint-Léonard, por doença de Anthero Faro, assumiu, a certa altura, as funções de decorador, ou, melhor, de assistente geral. Entretanto, certas pessoas, valendo-se dum expediente abaixo de toda a crítica, conseguiram afastar Saint-Léonard, que regressou a Espanha, impossibilitado de concluir a sua tarefa. Artur Duarte, auxiliado pelos assistentes portugueses, assumiu, pela força das circunstâncias a responsabilidade da montagem.

É evidente que o público não tem nada com isto... É evidente também que o crítico deve pronunciar-se sobre aquilo que vê. Mas quando se conhecem as razões de certos factos, apetece não falar neles. E fiquem estas palavras como uma confissão leal ao leitor, para que entre em linha de conta com a be-

volência que porventura achar exagerada, e desconte a ternura sentimental que lhe pareça toldar a minha visão de comentador de imagens.

Há certos aspectos do filme cuja crítica envolveria a apreciação da peça. O problema deve ser pôsto, portanto, da seguinte maneira: foi oportuno ou inoportuno cinegrafar a peça?

Já vimos que o êxito por ela alcançado e a garantia de se poder contar na versão cinematográfica, com os intérpretes que a haviam criado no palco, tudo isto aliado ao interesse da história e ao pitoresco dos ambientes focados — justificavam, amplamente, a sua transposição para o cinema.

A comédia de João Bastos passou para a tela, beneficiada pelas possibilidades que o próprio cinema lhe confere, limada nos seus aspectos mais convencionais, e com os «clous», embora de construção teatral, que haviam feito o seu êxito.

No cinema, «O Costa do Castelo» descobre-se ora na modesta casinha erguida à sombra do Castelo de S. Jorge, ora, no austero palácio da D. Mafalda. Pela minha parte e entre os dois, prefiro o ambiente sadio e luminoso da «Costa do Castelo», tão profunda e amorosamente lisboeta, tão encantador na sua humildade, tão agradável no seu asseio — como acolhedor e alegre, na graça das janelas floridas ou no recanto da salinha, onde há uma cadeira de baloiço, a convidar à contemplação do rio, que se avista ao longe... Depois, dimana de toda aquela gente, desde o «Costa» à «mãe» Rita, do «Pai» Januário à Luízinha, da Deolinda à Rosa Maria um poder de simpatia, que

a conversão de Daniel, em busca duma aventura galante e prêso nas garras do amor — tem um poder de convicção, que surpreende.

E não vá julgar-se que esta vida patriarcal, este viver simples, estas horas de amor e de ternura, no muro do Mirador de Santa Luzia, são simples convenção cinematográfica. Pululam por aí as casas das senhoras Ritas; os Costas moram na Sé e na Praça das Flores; e as Luízinhas são mais vulgares do que muitas pessoas supõem... Resta-me desejar aos Daniels que as encontrem tão difícil é esbarrar na Felicidade...

O «Costa do Castelo», na sua primeira metade, fica como a crónica alegre e feliz da Lisboa humilde, apeçada à sua casa, às suas tradições, da Lisboa que não vai para as praias, que dança nas ruas pelos Santos, que vive com pouco — e com pouco se contenta.

João Bastos é o grande triunfador do filme. A novela original pertence-lhe. E pertencem-lhe os diálogos também. Criou os tipos e o conflito. Pode dizer-se que o público ri, do princípio ao fim.

Na noite da estreia, João Bastos aplaudiu o realizador e os artistas da sua cadeira. E como lhe dissesse que deveria ter ido ao palco, João Bastos contestou:

— Não, meu amigo! No cinema, não ficam bem os meus cabelos brancos...

Discordo em absoluto, meu caro João Bastos. O cinema precisa, acima de tudo, de valores, estejam onde eles estiverem. E na mocidade, na alegria, no espírito dos diálogos do «Costa do Castelo», não encontrei um só dos seus cabelos brancos...

Um monumento cinematográfico
com
OS MAIORES ARTISTAS DO MUNDO!

Em exibição no TIVOLI
A super-produção culminante da temporada

com
CHARLES BOYER · RITA HAYWORTH
GINGER ROGERS · HENRY FONDA
EDWARD G. ROBINSON · CHARLES LAUGHTON · THOMAS MITCHELL
FUGENE PALLETTE · CESAR ROMERO
GAIL PATRICK · ROLAND YOUNG
ELSA LANCHESTER · GEORGES SANDERS · VICTOR FRANZEN
PAUL ROBESON · ETHEL WATERS · ROCHESTER
e JAMES GLEASON

SEIS DESTINOS

Um filme como não há memória desde que se inventou o cinema!

Realização de JULIEN DUVIVIER

20th CENTURY FOX

O maior êxito da actualidade

ALTO, forte, coração moreno... Como Bocage ao retratar-se, poderíamos principiar assim este registo de impressões. Simplesmente, Aquilino é hoje uma figura familiar do

Chiado. Não precisa de ser apresentado. Quem aí por volta das 5 horas passar defronte da Bertrand é certo que o vê encostado à ombreira da porta, pondo em risco de desequilíbrio a colecção das revistas. Nunca está só. Fala. Recebe uns, despacha outros. Uns e outros são: o Ramada, o Ferreira de Castro, o António Pedro, o Abel Manta, gente das letras e das artes, amigos, conhecidos e desconhecidos que o procuram para isto, para aquilo. Esse homem de gestos largos como os planaltos da sua serra beirão, de olhar firme e cerrado como a pedra granítica da casa provinciana que ele canta a golpes de mangual — é realmente muito mais do que um autor: é a própria obra, uma obra que se procura para o recreio, para o pensar das horas meditativas, para o convívio das horas tumultuosas do dia a dia...

Pois bem: o escritor que é romancista, que faz história e ensaios, que escreve da cidade para os homens do campo e da aldeia para o burgo inquieto que é Lisboa — ia dar, segundo se dizia — em cineasta.

Estão a ver: Aquilino à Abel Gance ou à Frank Kapra?

— Nem uma coisa nem outra — diz-nos ele. Se o filme se fizer, será apenas à Aquilino...

— Mas põe uma condição, um «se»?...

— Na verdade, nada está essente. Falou-se no caso e pouco mais...

— Então não havia um argumento e até um título?

— Esses existem, de facto. Pertencem ao meu próximo livro.

— E são?...

— O título: «Volfrâmio», o assunto...

— Sim, diga lá o assunto...

— É uma anecdota romaneada, em doze capítulos e 400 páginas, formato 12, francês...

— Uma anecdota romaneada... Não é, então, um romance?

Na sua linguagem, cheia de estilo e sabor, Aquilino explica:

— Perfeitamente um romance. Enquanto os sete boticários, os sete alfaiates e os sete sábios reunidos em congresso não votarem a fórmula «sui generis» do romance, entendendo com José Régio que o que fez Anatole France, esse «minus habens» das letras, o que fez Camilo, o que fez Eça, o que faz hoje, para não ir mais longe, Ramada Curto nas horas livres do drama — se pode

Aquilino Cineasta fala de literatura...

chamar romance. Já vi afirmar que não, mas de modo algum demonstrado. Porventura, quem o afirmou, veio apenas explicar em público a sua incapacidade para o género. Como homem de letras, que procura ser probo no que faz, não deixo de achar certo picareasco a esta contumélia que procura trazer para a plana da literatura nacional um estricte que nada adianta, próprio das Arcádias que Deus haja e do Hotel de Rambouillet, que também passou à história...

Aquilino fala, fala... De repente, dá conta que certas coisas não podem ser tomadas a sério:

— Enquanto se discute se se deve chamar gaita, flauta ou flautim, vou escrevendo. Aqui está para breve o Volfrâmio...

— Que está assente será uma anecdota...

— Anecdota no bom e velho sentido: acontecimento singular e efémero, à margem da torrente de factos que constituem o que com hipóbole académica poderíamos chamar o estuário da História. Se não fosse a guerra, quem pagaria a 750 escudos o quilo de calháu com que os pastores atiravam às cabras? Semelhante ocorrência não se repete mais, não se repetirá pelo menos em termos análogos, enquanto o mundo for mundo. Haverá mais guerras, visto ser condição do homem bulhar com o seu semelhante. Mas ter-se-á descoberto um ersatz menos caro, menos caprichoso, menos raro que o volfrâmio para temperar os metais e actuar de catalizador no fabrico de gasolina sintética.

Vem ao caso a curiosidade profissional que quere logo apanhar a novidade:

— Mas, então, será verdade que os alemães já produzem gasolina sintética com o volfrâmio?

— Diz-se, mas quem o garante? São os segredos da técnica, que eles guardam zelosamente. Seja

como for, o volfrâmio é relativamente raro na natureza e a sua extracção dispendiosa e difícil. A Beira agreste, fraga e saibro, teve em certas regiões a sorte de ser beneficiada com a existência deste estranho metal. Dai, do seu alto preço, essa *rués vers l'or* — anecdota, repito, passageira, proveniente da necessidade de romper o calhau estreito da vida que comprimia o camponês beirão.

— Vai, então, contar-nos essa... epopeia?

— Conto essa anecdota, cujo teatro é o Norte mas em que aparecem, com seu coturno, Mister Corbet, concessionário inglês; Herr Lauterbach, comissário do Reich; Leônidas Seixas, grande negociante do Porto, e um simpático *trappeur*, raposão das brenhas, Silvestre Calhorra, que irá levando no embrulho aqueles magnates da massa.

— Mas num mundo tão vasto há-de, com certeza, encarar a multidão...

— As turbas figuram no meu livro como à beira do Sinai e nas bodas de Caná. Abrem seus olhos ao assombro, comem, e morrem na esperança de resgate...

— Para quando o livro?

— Para antes do Verão, se não cair definitivamente o mundo.

— Três perguntas, para finalizar...

Qual é a qualidade que mais aprecia em arte e que procura acima de tudo imprimir na sua obra?

— Originalidade.

— A segunda?

— Originalidade.

— A terceira?

— Ainda e sempre originalidade.

— Bom, mas...

— Eu explico: ser original é ter carácter, individualidade, constituir um todo literário. Por via de regra, a originalidade acompanha-se doutros dotes, não apenas o fugir do que está feito, do que está dito, do como está feito e está dito. A originalidade é mais que forma, a própria substância, o logos. O artista original acabará sempre por ter estilo regular além de próprio; uma maneira de ver o mundo e os seus fenómenos, particular processo de interpretá-los diferente. Foi sempre esta a virtude mais estimada de nossa divina mãe Minerva e a primeira qualidade que lá fora, onde há arte, que se pulsa no escritor e de modo geral no artista: é original? Se é original, pode entrar ainda com estes ou aqueles defeitos. Se não é, rua, ou oficina de sapateiro. Já viu nesta terra mestiçada, arreezada, destituída de espírito de criação algum desses criticos com banca pública inquirir de tal predicado nos pacientes ou compadres?

Nós não queremos, evidentemente, emitir a nossa opinião. O mais que fazemos é insistir:

— Procura, pois, acima de tudo, originalidade?

— Não procuro; não me habitou Deus para larápio nem de idéias, nem de frases, nem de lenços... como diria Silva Pinto. É uma questão orgânica, também. Por outras palavras: não sigo escolas, nem comungo nos dogmas dos cenáculos. Existem na nossa santa terrinha? Não procuro originalidade, mas, torno a dizer, é a qualidade que mais prezo.

— Mas então, e o filme que Leitão de Barros vai realizar?

— O filme... veremos!

Não era tudo quanto poderíamos esperar de Aquilino cineasta. Mas, à falta de coisas mais concretas — como assunto literário já havia pano que chegasse para mangas de entrevista...

NOVOS TONS de pó de arroz

que são a admiração
DAS SENHORAS



PREPARADOS EM
PARIS COM UMA
MÁQUINA COLO-
RIMÉTRICA MÁGICA
★
DUPLICA
A BELEZA
DA PELE

Inventou-se uma nova máquina colorimétrica que revela o côr exacto do pó de arroz que melhor se adapta à sua pele.

Esta invenção levou à criação de tons novos de que a originalidade e a beleza são inigualáveis. O Pó de Arroz Tokalon não tem rival. Adere à pele um dia inteiro, mesmo andando ao vento e à chuva. Evita o brilho no nariz. É preparado por um processo devidamente registado. Experimente hoje mesmo o Pó de Arroz Tokalon — os novos tons que favorecem e embelezam — e pareça mais nova e mais linda.

A venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva à Agência Tokalon de Lisboa, 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio.



Aquilino Ribeiro: éle mesmo...

PORTUGAL e o PAN AMERICANO

SEGUNDO

Cesário Alvim

POR AUGUSTO FRAGA

QUEIRAM ou não queiram, as forças do espírito hão-de ser, eternamente, as maiores de todas. A força bruta pode alcançar resultados — mas efêmeros. O ta-

lento, a cultura, o trabalho hão-de ditar sempre a última palavra. Os reveses da inteligência têm a duração de meteoros. Nem podia ser de outra forma, porque sem ela não se faz nada ou o que se faz é como se não tivesse sido feito — por inseguro e sem base.

Compreende-se assim que se ponham fundas esperanças em certos movimentos de espírito que surgem neste mundo de angústias, nesta terra úmida de sangue, onde a Primavera se estreia com troncos mudos e folhas secas. Esses movimentos, obedecendo às forças imperiosas dos tempos modernos, que já não admitem longas reverências, nem apresentações complicadas cheias de adjectivos, surgem sintetizados numa simples palavra. É uma espécie de «slogan», que ajuda a curar todas as falhas de memória duma humanidade que passou a tomar todos os dias banhos de sangue. Não há tempo para gravar os pensamentos profundos — e o «slogan» é como que uma pastilha de ciência condensada.

Pan-americanismo e luso-brasileirismo são duas dessas palavras mágicas, filhas desse espírito de síntese que domina o planeta, por demais preocupado com a sua própria destruição para pensar em frases complexas. Mas no fundo delas existe o pensamento, a essência de que é feita tal condensação. E até os homens dos grandes discursos, da oratória inflamada e brilhante, dos largos gestos que outrora arrastavam multidões, empolgando as plateias, estão a retirar-se em face da investida fulminante do espírito da síntese. Em substituição dos velhos retóricos surgiram outros homens nascidos já nesta época que assistiu à revolução russa, à revolução italiana, à revolução alemã, à experiência portuguesa, ao New Deal

americano — homens que estão certos de que as antigas concepções de governo ruíram completa e irremediavelmente...

O nosso entrevistado é um desses homens — testemunha da revolução que se fez, a seu tempo, no Brasil, para se libertar do que poderia acorrentá-lo a uma ordem morta e enterrada. Chama-se José Augusto Cesário Alvim e não pertence àquêl número de pessoas que têm catadupas na garganta. Alimentou a sua inteligência com os géneros de primeira necessidade do espírito, convencido de que a margem de fantasia e de romance não serve, apenas, para entreter os devaneios e as ilusões, tão queridas e prestigiosas, mas também para enrijar a fibra dos homens no momento de suprema provação, pela riqueza da vida subjectiva, pela força das almas povoadas.

Cesário Alvim tem uma missão oficial no nosso país. Procura manter acesa no coração dos portugueses a chama do fortalecimento dos elos que nos habilitam a amar e a estimar o Brasil. É o Delegado do Departamento de Imprensa e Propaganda do seu país junto do S. P. N.. Assim, têm interesse muito especial as suas palavras, que procuramos reproduzir, e que são fruto de uma amena e despreocupada conversa, e que eu, traçoicamente, transformei nesta entrevista, porque nela se agita uma questão que palpa de actualidade.

— O pan-americanismo, entendido como um programa de amizade continental entre o Brasil, os países hispano-americanos, os Estados da América do Norte e o Canadá, longe de se opor ao real, secular e indestrutível luso-brasileirismo — completa-o. De facto, o que é a aliança entre o Brasil, os Estados Unidos da América do Norte e o Canadá senão um reflexo, na outra margem do Atlântico, da tradicional aliança luso-britânica? E o movimento de aproximação que cerra num bloco, mais sólido cada dia, o Brasil e as repúblicas hispano-americanas não é, por a caso, o mesmo movimento de união que consolida o Bloco Peninsular Ibérico.

Estas palavras de Cesário Alvim



O jornalista Augusto Fraga conversando com o sr. Cesário Alvim

foram pronunciadas com entusiasmo bem moço e com os olhos postos na paisagem do seu país, certo de que a Pátria está tanto na fronteira como no regato que desliza pacífico entre pedras abruptas. E acrescentou:

— Os eternos pessimistas, os eternos fantasistas e os eternos especuladores já começam, por esse mundo fora, a sussurrar — junto dos ouvidos dos tímidos, dos pobres de espírito e dos mal-intencionados — hipóteses de desentendimento entre a Europa e as Américas. É preciso que esses senhores sejam convocados à realidade, pois certamente passeiam o seu ócio, o seu capricho e o seu diletantismo imaginativo nas páginas de algum Júlio Verne improvisado.

Convencido de que as piores eventualidades devem entrar no jôgo das previsões nacionais, procurei desviar propositadamente a conversa para o campo internacional. Cesário Alvim, que sabe raciocinar e não aceita, sem impaciências e reacções, o destino, interpretou o caminho, ou melhor, a atitude do seu país, afirmando:

— A política internacional — como as políticas nacionais — tem de ser feita dentro da realidade de cada dia. Querer moldá-la com mitos — com velhos ou novos mitos — seria fazer péssima mitologia e não fazer política de espécie alguma. Mas porque nos impressionarmos com os visionários e com os fantasmas que eles inventam, se as nossas políticas são traçadas pelas mãos firmes, experientes e realistas de homens da tempera do Presidente Carmona, do Dr. Salazar, do Presidente Vargas e do ministro Oswaldo Aranha? Seria injuriar os portugueses julgar que ainda não perceberam o grande benefício que a política pan-ameri-

cana do Brasil está prestando ao nome de Portugal e à causa da raça e da língua portuguesa. O intercâmbio cultural do Brasil com as demais repúblicas americanas, a divulgação ao Novo Mundo dos livros em língua portuguesa, a adopção e o desenvolvimento, nas escolas das Américas, do ensino do nosso idioma e de tudo a que se refere à nossa civilização comum, são medidas que beneficiam Portugal e os portugueses, tanto como beneficiam o Brasil e os brasileiros, concorrendo para alargar e tornar mais fecundo, mais cheio de possibilidades, o horizonte de todas as nossas actividades espirituais e materiais.

É necessário insistir na advertência de que as forças do espírito hão-de ser, eternamente, as maiores de todas. E Cesário Alvim confirma a sua esperança de que elas sobreviverão ao universal cataclismo desencadeado pelos génios da violência, acentuando quanto à posição de Portugal em face do pan-americanismo:

— Estou certo de que o acôrdo cultural luso-brasileiro, firmado no Rio de Janeiro pelos directores do D. I. P. e do S. P. N., e hoje brilhantemente executado sob a orientação do major Coelho dos Reis, no Brasil, e de António Ferro, em Portugal — só tem a ganhar, e a ganhar muito, com o desenvolvimento do intercâmbio cultural do meu país com as nações americanas. Portugal não pode esquecer que tem espalhada no solo das Américas uma população correspondente a um terço, pelo menos, da população portuguesa em território europeu. Creio serem desnecessárias mais palavras para provar que os portugueses têm lugar de destaque, com direitos e deveres definidos, no mundo pan-americano.

O "Richelieu" chegou à América



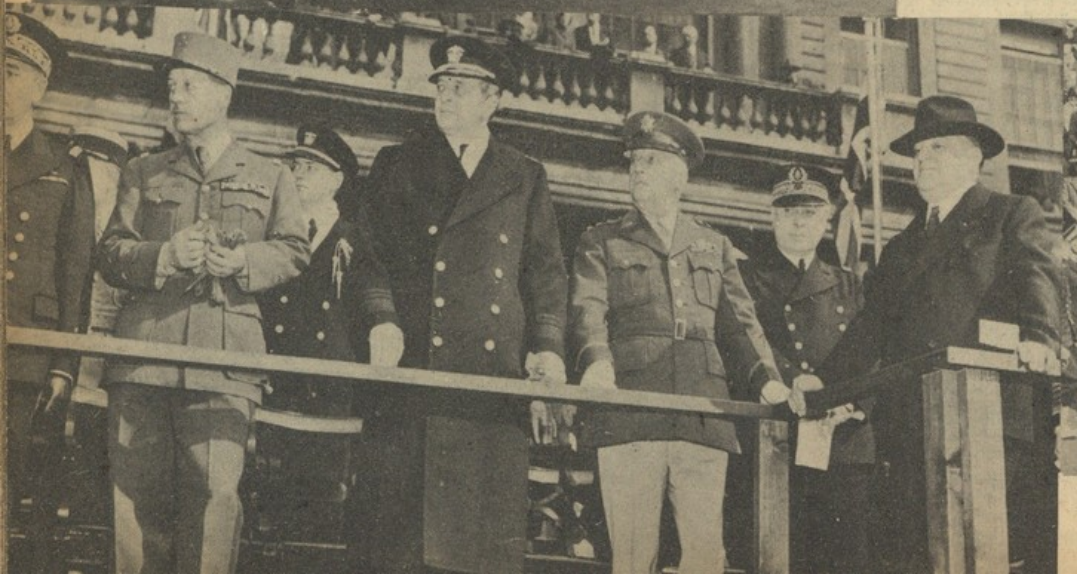
O couraçado «Richelieu», conduzida pelos rebocadores norte-americanos, entra no porto de Nova-York.

A «guarda de honra» era feita no porto de Nova-York por uma companhia de marinha francesa.



A tripulação do «Richelieu» desfilou depois pelas ruas da capital norte-americana, no meio dos aplausos da multidão.

O «Mayor» de Nova-York rodeado por oficiais de marinha americanos e franceses, assistem ao desfile dos marinheiros.



Logo que o grande couraçado francês ancorou no porto de Nova-York, um oficial superior da armada americana, esteve a bordo do «Richelieu», a cumprimentar, em nome do ministro da Marinha, o comandante e a oficialidade.



Numa das praças por onde desfilaram os marinheiros franceses, os estudantes americanos agitaram bandeiras e gritaram «Viva a França» — aclamações que foram acompanhadas delirantemente pela multidão.

À entrada do porto de Nova-York, os marinheiros e os oficiais do «Richelieu», vitoriosamente, tripularam os barcos norte-americanos que embandeiraram à sua passagem.



No dia 30 de Janeiro abandonou o porto de Dakar, o couraçado «Richelieu», um dos melhores barcos de guerra da armada francesa, onde estava desde Junho de 1940. Atravessou o Atlântico, assediado por duas tempestades e fugindo sempre à ação dos submarinos inimigos.

Na sua cobertura notavam-se ainda os destroços de uma granada de 16 polegadas que explodiu mesmo acima de um dos pálios da pólvora, sem, no entanto, ter conseguido penetrar através da sua forte blindagem. Uma das suas quatro hélices estava torcida e havia no seu costado um enorme buraco, aberto por um torpedo.

Com ele, abandonaram Dakar o cruzador francês de 7.600 toneladas «Montcalm», e dois novos contratorpedeiros, também franceses, de 2.600 toneladas: o «Le Fantaque» e o «Le Terribles».

Ao largo de Casablanca, encontraram-se com um «cambóio» de navios americanos, que incluía, além de várias unidades de guerra, tripulações de «tanques» e de navios mercantes, que, de volta à Pátria, constituíam o «clastro» dos navios.

Durante toda a viagem o «cambóio» cercou-se de todas as possíveis precauções, pois a todo o momento se esperava que os submarinos inimigos tentassem impedir o «Richelieu» de alcançar o seu destino.

Por duas vezes o «cambóio» teve que enfrentar a fúria dos elementos. Como uma simples casca de noz, o «Richelieu» subia e descia nas enormes montanhas de água que se elevavam em fúria devastadora.

Passadas as tempestades, nada mais houve digno de registo, até que o «Richelieu» se aproximou dos campos de minas ao longo da costa americana.

O nevoeiro, aqui, era intransponível; por duas vezes o barco teve que lançar âncora, pois o capitão receava aproximar-se demasiadamente da região minada.

Entretanto, passado certo tempo o nevoeiro levantou, oferecendo, então, aos barcos a possibilidade de proseguirem no seu interrompido caminho.

O «Montcalm» e a sua escolta, seguiram para um outro porto americano, tendo o «Richelieu» e os dois contra-torpedeiros arribado ao porto de Nova-York.





PELA DIREITA

No dia 31 de Maio de 1928, à meia noite, o movimento dos veículos passou a fazer-se pela direita.

A modificação realizou-se dentro da maior ordem, mas para isso concorreram as acertadas disposições do Governo, a cooperação do público e ainda a Vacuum e o «Diário de Notícias», que colocaram em todo o País centenas de placards lembrando que a circulação se passara a fazer «Pela Direita».

Mudou-se, pois, o sentido do trânsito, cuja tendência era aumentar, aumentar sempre. Mas veio a guerra e êsse trânsito diminuiu, devido à falta de gasolina que imobilizou centenas de veículos automóveis.

O mau tempo, porém, há-de passar e a Vacuum retomará a sua missão de fornecer a V. Ex.^a os melhores combustíveis e lubrificantes do mundo.

1942

SOCONY-VACUUM

CALÇADA DA GLÓRIA

A MANEIRA...
DE JOÃO CHAGAS

O dinheiro! Não há palavra humana que tenha horizonte maior, nem designios mais mesquinhos. Com a carteira recheada, um homem sente-se capaz de tudo—até duma boa ação. A fortuna permite abranger o mundo—ainda que não consiga estreitar, num abraço, todos os homens. A fortuna não terá asas como os anjos, mas tem rodas como os veículos. O dinheiro permite-nos fazer as malas e dar a volta à Terra—mesmo sem sair de casa. A mais pungente servidão a que a pobreza nos pode condenar é da imobilidade. O maior privilégio da fortuna é o prazer de viajar—ainda que não seja senão pela fantasia como os avaros. Se me saísse a Sorte Grandel, penso às vezes. Ao sentir-se rico, o Teodoro do «Mandarim» pedia charutos caros. Eu não pediria charutos. Pediria um passe universal. Correria o mundo, onde existem mares, rios, cidades, civilizações, povos, raças, costumes que eu nunca vi. A terra é grande. É preciso que ela seja nossa. O dinheiro compra tudo. Só não compra, afinal, a felicidade. Porque a felicidade, a essa, não há dinheiro que a pague.

|| ||

—O dinheiro, que lhe parece, dará felicidade?

Aquilino Ribeiro, encostado à porta «da Havaneza», não hesita um momento na resposta:

—Não. O dinheiro não dá felicidade, mas sem o dinheiro, meu amigo, não há felicidade...

|| ||

O dr. João de Deus Ramos sorri: —O dinheiro tem, como tudo na vida, os seus defeitos, mas—já dizia o meu pai—que tinha muita graça o maldito, e muito chiste o ladrão!

|| ||

Ramada Curto (cuja anunciada revista se aguarda com alvoroçada expectativa) exclama:

—Se o dinheiro dá felicidade? Só lhe digo isto: é com ele que se compram os melões! Por aqui avaliará o resto...

|| ||

—Em matéria de dinheiro e de felicidade, só posso responder-lhe por música...—responde-me Ruy Coelho.

O DOUTOR REINALDO DOS SANTOS



Eis aqui o dr. Reinaldo
Que tem sempre que contar,
Ouvide, agora, senhores
Esta história de passar:

Certo dia foi chamado
P'ra um doente de bexiga
Que estava quasi a acabar:
Reinaldo logo apressado
Lhe disse:—«Que grande espiga!
É que tenho de o operar...»

Oh! Que operação tormentosa!
Mas o pobre só gritou
Quando Reinaldo, incisivo,
Uma pedra monstruosa
Da bexiga lhe tirou.
E da pedra—um «primitivo»!

|| ||

Ferreira Gomes, erguendo a sua chicara de chá, faz-me a sua confidência:

—O dinheiro pelo dinheiro, sufoca-nos.

|| ||

O caricaturista Manuel Santana escreve a lápis esta caricatura:

—Se o dinheiro nos faz felizes? Não sei. A respeito de dinheiro eu nunca me dei com ele ou, melhor, ele nunca se deu comigo...

|| ||

O romancista Castro Seromenho, à porta da «Brasileira» do Chiado, abana a cabeça:

—O dinheiro não dá felicidade, mas é ainda o melhor caminho para adquirir certas coisas que nos fazem felizes.

|| ||

Artur Portela, filósofo desta maneira, erguendo o dedo filosófico:

—Se a felicidade, como há quem diga, depende de quasi nada, nesse quasi nada tem de incluir-se a própria fortuna dos milionários!

|| ||

Eugénio Navarro, redactor da «Voz» quer esquivar-se à pergunta, mas não é difícil adivinhar o seu pensamento:

—A Voz pode não ter dinheiro; mas o dinheiro tem voz...

|| ||

António Maria Pereira, sentado à sua mesa de trabalho na Parceria de que é titular, pensa um momento, e responde-me:

—Se o dinheiro dá felicidade? Pela minha parte acho que a saúde está em primeiro lugar. Eu, por exemplo, prefiro não estar constipado—a ter trinta mil réis...

|| ||

Alberto Barbosa, autor de tanta peça aplaudida, limita a sua resposta:

—Já observei que o dinheiro, no teatro, nem sempre traz felicidade. Só fazem, em regra, verdadeiramente êxito, as peças que são montadas em apêrtos...

|| ||

Alfredo Ruas declara:
—Já tem havido casos em que o dinheiro entra pela porta—e a felicidade sai pela janela!

|| ||

Pela parte que me toca acho que o dinheiro não nos dará a felicidade, mas permite—e já não é pouco—que sejamos mais felizes na infelicidade.

Do Caderno de um repórter

AS reminiscências constantes do artigo anterior pretendiam, apenas, constituir o quadro evocativo e saudoso da nossa infância descuidada e pacífica. Mas várias

peçoas nos escrevem a acrescentar pormenores sobre essa época. Não nos interessam, no entanto, tais intromissões neste trabalho. Ainda que este abranje tudo e todos, seguiremos inflexivelmente a norma introspectiva que nos impusemos.

Revimos a rua da Paz dessa época. Era, como hoje, uma encosta; porém, menos pretenciosa. Participava, devido aos seus grandes casarões apalaçados — restos da grandeza de vistas da reconstrução pomalina — da grande urbe ulissiponense, e devido aos vastos jardins e hortelhos adjacentes da bravura formosa silvestre dos ubérrimos ardores.

Ainda estavam a viver os restos pacatos e felizes do período joanino — desse vasto e plácido Portugal aicobacense, cuja regra era a dos sorridentes quanto glutões companheiros de Vatel, e de cujos benefícios agrícolas tanto se maravilhou Wellington, que dos irmãos de frei Bernardo de Brito escreveu «não ser concebível uma Lusitânia próspera sem o equilíbrio desses campos férteis». Isto é, ainda hoje, e vêm em qualquer sítio do muito que lemos do «lord» libertador.

O JORNAL «A MOCIDADE»

Nesse tempo, porém, comia-se até estalar. E depois, protestávamos. O desemprego, ocasional, de alguns dias, sublevava protestos aos montões; sem sabermos, ai de nós, ser possível o de continentes inteiros. Comia-se fava rica, chupava-se, por uma «cheta», em garbo cavalinho, um capilé ou fumava-se... um charuto de chocolate.

Na calçada do Combro, a que a rua da Paz está vinculada, resfolegava trepidante o esverdeado «maxibombo», que nos ascendia ou descendia naquela lomba complicada. Quási sempre, optávamos pela Academia. Ali, enrelvado terreiro nos cumprimentava com a frescura das suas olaias: na Primavera, pintalgadas de miríades de floritas que, por adocicadas, chamávamos «pardalinhos»; no estio, de tenras folhas que palmávamos, quando víamos os «bichos da seda» quási mortos por lhes faltarem as amoreiras com o natural pastio.

Pois em meio deste paraíso perfumado a vinho do termo e com o apetitoso cheirinho a sardinha fresca assada nas brasas, erguia-se, como já dissemos, a Academia de Estudos Livres. E esta possuía um quinzenário, seu órgão, intitulado «A Mocidade». Do qual tenho aqui, conservado por minha família, um exemplar do n.º 2, saído em 1 de Agosto de 1910.

Jornal de rapazes, também lá colaboravam os «meninos». Ora eu freqüentava a escola, com meus

nove anos—insisto na idade, não para me fazer mais novo, mas para desconto de pecadilhos—ao acorrerem as histórias singulares do esqueleto e do rabecão.

OBJECTO DE CRIME: HERCULANO

Também lá ia, com dois anos de dianteira, meu irmão mais velho. Havia, ao todo, entre a Escola e a Academia, seus quatrocentos alunos, dos quais uns cinqüenta por cento eram académicos à força por terem de trabalhar de dia, só lhes restando as noites.

Uma tarde de Primavera, a nossa professora, uma esplêndida e sardenta mulher, de faces lustrosas e saudáveis, a sr.ª D. Teresa, disse-nos:

— Os meninos ficam avisados de que amanhã, dia tantos de tal, faz cem anos que nasceu Alexandre Herculano. Irems cantar, no jazigo dele, o «Hino a Camões». Aquele que melhor contar as coisas, em uma só folha de papel de trinta linhas, entra logo em férias e é dispensado do exame de português.

Fiquei, ufano e vaidoso, à espera do dia seguinte. Meu irmão, imensamente mais metódico e tranquilo, continuou a trabalhar. Eu, aparalhado, jogava aos botões num «rap» indecentemente velho que ainda tenho.

Passei a noite acordadíssimo. Pela manhã, com um frio saudável, ligeiramente cortante, meu avô obsequiou-nos com reluzentes patacos, incluindo meu irmão mais novo, apesar de só saber o a, b, c. Esses, os «mitidos», não podiam ser «escritores».

Do cortejo, que era grandíssimo por incluir todas as escolas mantidas pelos centros republicanos, socialistas, liberais e pelas associações operárias, só recordo o estirão esfalfante até Belém. Houve cantoria e berrata confraternizadora entre os de Lisboa e os da Casa Pia.

Omitidas minudências que a ninguém interessam, referirei, apenas, a reentrada pelas portas de Alcântara, ainda a esse tempo de pé, julgo; a reentrada na Academia; e a evacuação do exército pré-escolar Herculaneano para os respectivos domicílios.

No outro dia, teve lugar a grande prova. Mas a D. Teresa das sardas saudáveis, e cujos olhos se dilatavam, ferozes ou meigos conforme o estado do tempo, repetiu o recado, sacudindo os ondeados cabelos:

— Trinta linhas... cuidado... nada de tolices... Herculano... Nasceu aqui ao pé... São Bento... Teresa casou... Camões...

Assim mesmo. Telegraficamente. O mafarrico parecia advinhar o invento da telefonia sem fios. Certo é ter eu ficado perturbadíssimo, fazendo uma destas saladas que até hoje me envergonho. Entretanto, na sala imediata, o meu irmão Antero trabalhava, sereno e tranquilo como um santo.

Eu não sabia bem do que tinha ido fazer a Belém. Tanto mais que, expulso do canto coral por in-

decente e rabecónica figura, dissera de mim para, comigo:— quero lá saber de vidas alheias!...

HERCULANICÍDIO... A SÉRIO

Ressouu um grito de escândalo e furor ao entregar a minha prova. A presidente do júri era a D. Teresa. Enervado, enchera a folha de borrões e de calinadas. Depois, riscara, emendara, e concluíra por redigir uma coisa inconcebeivelmente grotesca, e contra a qual a omnipotente professora protestava. Tinha, de resto, necessidade disso, depois do escândalo do esqueleto.

Poucos minutos decorridos, ela reünira todos os alunos, e dizia:

— O menino Luis é expulso desta escola. Não deve escrever coisas dessas. O seu irmão, o menino Antero, é premiado entre todos os alunos e o trabalho feito por ele publicado no nosso órgão «A Mocidade». Há estas e aquelas menções... etc., e tal.

O que fizera eu? Asneira grossa havia, mas de tal modo, custava-me a acreditar.

Os directores da Academia, pediram à minha irracível professora que procedesse à leitura de um e de outro trabalho. O contexto do meu era, pouco mais ou menos, o seguinte:

«Faz hoje cem anos que a nossa professora D. Teresa se casou com o sr. Herculano que vende cadernos escritos por troca com os Sherlock-Holmes velhos, nos Poiais de São-Bento. Fomos todos ao casamento, mas eu não vi nada por me terem dado um carólo Luis Camões».

— O menino fez isto com má intenção! Não volte cá! Já quando da história do esqueleto... — e desatou a chorar que até parecia uma fonte do chafariz d'El-Rei.

Pausa. Silêncio. Leu, depois, o trabalho de meu irmão. Deu-lhe o máximo de entonação, movendo o sinuoso fole vocal, que o atouchinhado seio da suculenta senhora quási punha a descoberto.

Ao descobrir que casara aquela polpa toda com o surumbático historiador da Ajuda, tive lástima sincera de ainda não haver, entre nós, a lei do divórcio.

Decorridos trinta e três anos, releio a prosa fraterna e sou forçado a reconhecer que a D. Teresa procedeu muito bem. Ela saiu a 1 de Agosto de 1910, e os leitores vão acompanhar, comigo o breve relato. Sisudo, tem a nota singela da puerícia e do trabalhoso, estudante que ele foi e é:

Razão do escrito:— «No dia 28 de Abril de 1910, a comissão executiva do centenário de Alexandre Herculano resolveu ir visitar ao convento dos Jerónimos o túmulo do grande historiador, poeta e romancista, que quási no fim da vida, quando já tinha escrito os preciosos

livros «Eurico», «Eu e o Clero», «Monge de Cister», etc., se retirou para uma quinta que possuía em Vale de Lóbos, no distrito de Santarém».

PRÉMIO E CASTIGO

Está tudo certo. Agora, vem o acto cívico cuja razão, tão sucinta quanto claramente, meu irmão descrevera:

— Durante o cortejo, o que mais me impressionou foi a banda dos briosos marinheiros, que tocava e rufava lindamente.

Atenção para com a Escola Marquês de Pombal:

— O sr. inspector das escolas primárias foi em extremo delicado! A Escola Marquês de Pombal reservou um lugar de destaque na retaguarda da escola que tomou para si o nome do glorioso Herculano, do homem que heróicamente tomou parte nas lutas de D. Miguel e D. Pedro.

Final, animado pelo foguetório e cantoria do tal hino a Camões, mal adaptado a Alexandre Herculano.

— «Uma salva de foguetes animou tudo. A música começou a tocar e o cortejo pôs-se em marcha, e chegou ao convento dos Jerónimos, outra salva se fez ouvir. Entrámos e seguimos para a capela onde se levanta o majestoso túmulo. Ali, cantámos o hino dedicado a Alexandre Herculano. A letra era de Rozendo Carvalheira e a música de Silveira Paes, professor da Academia de Estudos Livres».

— Ora o menino Antero já está em férias e o menino Luis fica expulso! — assim disse e fez a ferina professora cujo colo, então garboso, estava de indignação.

Dois meses depois, o triunfo da Revolução de 5 de Outubro livrava-me da professora que eu tão gloriosamente quisera consorciar e avelhentar num século. Essa libertação, derivada, do princípio, da anormalidade em que a cidade jazia, fora antecidida de umas férias suspeitas. Quando deveríamos recomençar os estudos, meu Pai teve por mais prudente enviar-me para a Escola do Padre Brito.

Mas a D. Teresa rogou-me uma praga de sentido inverso, ao dizer no final da perorata:

— E o menino fique a saber que uma coisa nunca será nesta terra:— escritor ou jornalista!

É o que se vê, o que se viu e o que se verá, embora contra vontade. Mas tão intrigado fiquei que, um belo dia, ao apanhar de sucupa o nosso veterano colega Rafael Ferreira, então meu confidente máximo e vizinho do andar superior, lhe perguntei misteriosamente:

— Que é preciso... para ser jornalista?

— Pelo menos, escrever e ler correctamente a língua portuguesa— respondeu-me com a bondade paterna que ainda conserva.

Krishnamurti

Um genio nosso desconhecido

HA quatro dezenas de anos uma escritora inglesa, impressionada pela extraordinária disposição espiritual de uma criança indiana, proclamou publicamente e ao mundo que um novo Instrutor tinha nascido. Foi a Dr.^a Annie Besant. Dedicando a última actividade da sua vida à Teosofia, fôra viajar à Índia onde encontrou este filhinho dum empregado da Sociedade Teosófica em Madrás — hoje com 48 anos — o religioso e pensador Jiddu Krishnamurti.

Krishnamurti, órfão de mãe, foi estudar para Inglaterra, levando consigo seu irmão mais novo, Nityananda, a quem amava entranhadamente. Aos 14 anos, escreve essa obra-prima da vida espiritual chamada «Aos pés do mestre», que é, pela profundidade, pela subtilidade, pela revelação de experiência infusa em tão tenra idade, um verdadeiro mistério. Logo eleito chefe da «Ordem da Estrêla do Oriente», fundada com o fim de promover ambiente favorável, na certeza de que Krishnamurti seria portador duma mensagem a definir mais tarde, êle foi estudando, não só os textos religiosos, mas tudo — pois a sua curiosidade, a sua insatisfação inti-



Krishnamurti quando da morte do seu irmão...

ma, a sua séde, impelião-o a conhecer e a experimentar quanto o homem sabe e a vida oferece. Frequentou tôdas as zonas sociais com a aspiração suprema de alcançar a felicidade que secretamente lhe sorria; mas de tôdas voltou desiludido... e mais rico de compreensão.

Findos os estudos julgados, em Inglaterra, necessários à educação do «gentleman», partiu para a América, vindo todos os anos ao castelo de Eerde, na Holanda, às retinções da «Ordem da Estrêla», a qual rapidamente tomara uma grandeza excepcional, ligando gente de tôdas as partes do mundo. Ali falavam de generalidades relativas à conduta humana. Por essa altura, Krishnaji, (assim lhe chamavam os seus mais íntimos amigos) limitava-se a repetir o que nos livros aprendia. Foi assim até 1925. Mas, então, um acontecimento doloroso mudou de repente o curso da sua vida: a morte de seu irmão, na Califórnia. Foi uma experiência decisiva para êle; foi a iluminação da riqueza espiritual que amadurecera na solidão do longínquo retiro montanhoso em que viveu, cuidando do seu irmão enfermo. Desta prova de dor, Krishnamurti saiu espiritualmente renovado. Apresentou-se desligado de todos os compromissos: e foi preparando os seus auditores para a dissolução da «Ordem da Estrêla», recorrendo a expressões dúbias através das quais transparecia, contudo, o seu grito de libertação. Êle dizia, por essa altura: «Falo, de propósito, vagamente. Com facilidade podia usar termos precisos, mas não é minha intenção fazê-lo, porque, quando se define uma coisa, ela fica

morta. Se definimos completamente uma coisa — pelo menos é esta a minha opinião — damos uma interpretação que no espirito dos outros tomará uma forma precisa, e, então, ficarão prêsos a essa forma da qual terão depois de libertar-se». Assim se estabeleceu o conflito entre a «Ordem» e o seu chefe, conflito que dura ainda, pois, enquanto os teósofos ambicionavam a sistematização de práticas, Krishnamurti veio romper com tôdas e pedir uma adesão completa do indivíduo à vida, com a mente e com o coração, à vida que faz sofrer, num recolhimento íntimo mediante o qual cada experiência quotidiana fosse assimilada na sua essência profunda. «A iluminação — dizia êle — é a descoberta do verdadeiro valor de cada coisa». Nada de submissão a autoridades, a preconceitos, a noções pretéritas, a mêdos. A verdade só podia ser apreendida por cada um e para isso era necessário que cada um se libertasse de tôdas as limitações ambientes, de cultura, de tradição e do próprio Eu!

«Não falo para ser seguido nem para compôr um grupo especial de discípulos escolhidos. Os homens gostam de se distinguir dos seus semelhantes, mesmo pelas diferenças mais ridiculas, mais mesquinhãs, mais absurdas! Eu não quero encorajar este absurdo. Eu não tenho discípulos nem apóstolos».

Singular atitude de um Instrutor! Nunca, até hoje, alguém cortou tão decisivamente com o seu séquito. E a «Ordem da Estrêla» foi desfeita. Ê então que as conferências de Krishnamurti, em diversas partes do mundo, começam a interessar as camadas intelectuais e a imporem-se-lhe. Teceram-se, à sua volta, intri-

KRISHNAMURTI

(Apontamento, de memória, pelo grande escultor francês Bourdelle)



gas e perseguições. Mas o seu pensamento cada vez mais genuíno, mais límpido, mais preciso, singularmente lúcido e sintético, começa a reflectir-se nas teorias filosóficas e artísticas (sem que nunca o seu nome seja citado) e a influenciar certas correntes da psicoterapia, dissidentes da psicanálise.

Em França, Bourdelle modela a sua cabeça; na Inglaterra proibem-lhe que fale.

A propósito desta proibição, Bernard Shaw declara aos jornalistas: «Ele é um professor da maior distinção, com uma admirável doutrina católica, e a proibição é um erro de ignorância».

Também a Índia, em 1934, o quer ouvir. E pergunta-lhe: — «Que pensais da nossa condição de nação submetida?»

Krishnamurti responde:

— «Ao chamarmos nação submetida, teremos de imaginar um explorador. De momento, não vejamos assim a questão. Para mim, não é importante a solução de um problema presente porque, se compreendêssemos claramente a finalidade última pela qual trabalhamos, já ao trabalharmos por e para essa finalidade, resolveríamos sem grande dificuldade o problema presente.

«A solução fundamental do de-semprego e da miséria consiste na solução da unidade mundial ou humana. Dizeis existirem na Índia milhões de famintos que sofrem e que, se vos desembaraçásseis dos ingleses encontraríeis maneira e meios de saciar esses famintos. Mas eu digo-vos: não abordeis o problema por esse ponto de vista. Deixai de lado os sofrimentos actuais da Índia e, considerando a questão na sua totalidade, fixai a vossa atenção nos milhões de famintos que há em todo o mundo. Milhões de chineses morrem por falta de alimento. Por que não pensais neles? «Não, — dizeis-me — o meu dever começa em casa». Isso mesmo dizem os chineses; isso mesmo proclamam os ingleses, alemães e italianos. Mas eu digo: abarcai, na totalidade, a causa da miséria ou fome mundial e não vos limiteis a resolver o problema do alimento de um só povo determinado. Qual é a causa de tanta miséria? A falta de organização extensiva a toda a humanidade, não é isso? Há alimentos suficientes no mundo e existem métodos excelentes que podem utilizar-se na distribuição de alimentos e roupas, mediante os quais podiam ser utilizados todos os homens. De tudo há quantidade suficiente.

«Então que nos impede de fazer dela um emprêgo inteligente? Simplesmente isto: as separatividades de nações, classes, seitas. É tudo isto que impede a cooperação inteligente. Todos, no fundo do vosso coração, ambicionais ganhar. Todos e cada um está dominado pelo instinto de posse. Por isso, sem piedade, acumulais para depois legardes às vossas famílias as vossas posses.

«Isto tornou-se, para o mundo, um facto calamitoso. Enquanto existir este espírito, nenhum sistema sábio funcionará satisfatoriamente. Enquanto em cada país do mundo se disser: «antes de tudo o meu país, a minha família, a minha pessoa», não se chegará à unidade humana. A monstruosidade e a insensatez de tal técnica estão fora de dúvida. No entanto, é esta técnica que os exploradores utilizam para obter os seus próprios fins.

«Quando procurardes resolver o vosso problema, só através do problema da Índia, tropeçareis em insuperáveis dificuldades. Não há processo, sistema ou revolução que possam mudar instantaneamente esta situação. Não, porque se, vos desentendesseis dos ingleses e substituísseis a «burocracia branca» por outra indiana, vos seria possível alimentar tanto milhão de famintos indianos. Haverá fome enquanto exista exploração; pois, vós, individualmente, estais complicados nessa exploração, por vossos afãs de poder — que estabelecem classes — e por vosso anseio de seguranças individuais, tanto espirituais como físicas. Enquanto exista o espírito de exploração, eu afirmo que a miséria existirá sempre».

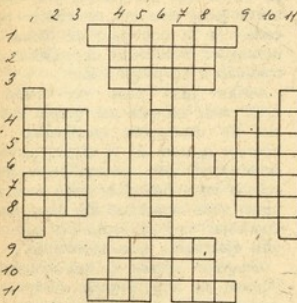
No Brasil, acolhem-no multidões que encham os teatros onde fala; na Argentina, apontam-no e proibem-lhe que fale. Krishnamurti, vivendo exclusivamente dos direitos de autor das suas conferências publicadas, modesto em tudo — até na sua alimentação sem cadáveres nem álcool — vai respondendo a todas as perguntas que lhe fazem acerca dos maiores problemas da vida, da sociedade e do mundo. E é hoje, na opinião de muitos, a mais lúcida inteligência contemporânea, o legítimo Instrutor da época que pôs em equação o problema da realização da Personalidade, que ele ilustra inequivocamente: Krishnamurti é a própria exemplificação viva das suas palavras — é a luz e é a certeza.

De aí o seu prestígio cada vez maior.

AMADEU CARDOSO

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 60



HORIZONTAIS: 1 — Patroa; Membro com que as aves e outros animais voam. 2 — Estéril. 3 — Lugar. 4 — Gasta; Semelhante. 5 — Forma abreviada de «senhores»; Contração de preposição e art. (pl.); Liga. 6 — Carran-

cudo. 7 — Olhar; Além; Iniciais da Real Força Aérea. 8 — Nome de mulher; Estava. 9 — Insignia, que os bispos põem na cabeça em solenidades pontificiais. 10 — Anagrama de cidades. 11 — Altar; Estêo.

VERTICAIS: 1 — Direito; Mantilha de freira. 2 — Adicionem. 3 — Ave semelhante ao papagaio. 4 — Doença; Oceano. 5 — Argola; Nome de mulher; Partida. 6 — Destruidor de imagens. 7 — Nome de mulher; Vai para fora; Escarneces. 8 — Astro diurno; Renque. 9 — Sacerdote. 10 — Anagrama de «ralão». 11 — Resa; Executa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 59

HORIZONTAIS: 1 — Raso; Maça. 2 — Bati; Pataco. 3 — Fêmea; Ali. 4 — Iope; Dê. 5 — Calacre. 6 — Têa; Otrar. 7 — Irra; Vtra. 8 — Arangão. 9 — Am; Dual. 10 — Sus; Luiza. 11 — Airoso; Sopa. 12 — Lauro; Velas.

VERTICAIS: 1 — Ti; Al. 2 — Rafa; Er; Ásia. 3 — Ate; Caramuru. 4 — Simia; Ar; Sôr. 5 — Eolo; Ad; Sô. 6 — Papa; Anulo. 7 — Mã; Eco; Gau. 8 — Ata; Rivalise. 9 — Galderto; Rol. 10 — Acte; Ar; Rapa. 11 — Rã; As.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS
6.15	WEBX	31.1 m. 9.650 kc/s.
8.45	WRUW	49.6 m. 6.040 kc/s.
10.45	WBOS	48.8 m. 6.140 kc/s.
12.45	WBOS	25.3 m. 11.870 kc/s.
16.45	WBOS	19.7 m. 15.210 kc/s.
16.45	WGEA	25.3 m. 11.847 kc/s.
18.45	WGEA	25.3 m. 11.847 kc/s.
20.45	WGeo	31.5 m. 9.530 kc/s.
21.45	WGeo	31.5 m. 9.530 kc/s.
24.15	WDJ	39.7 m. 7.565 kc/s.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

fala e o mundo acredita

Emissões em LÍNGUA PORTUGUESA

11.45.....	Noticiário	24.92 m. (12.04 mc/s)
		19.76 m. (15.18 mc/s)
		13.86 m. (21.64 mc/s)
13.15.....	Noticiário e Actualidades	24.92 m. (12.04 mc/s)
		19.76 m. (15.18 mc/s)
		13.86 m. (21.64 mc/s)
22.00.....	Noticiário e Actualidades	42.11 m. (7.13 mc/s)
		41.75 m. (7.19 mc/s)
		31.75 m. (9.45 mc/s)
		30.96 m. (9.69 mc/s)
		261.10 m. (1.149 kc/s)
		1.500,00 m. (200 kc/s)

1 Panorama Internacional

Horas aniciosas

por Francisco Velloso

Os acontecimentos internacionais multiplicaram-se como tiros em rajada circular. A sua quantidade, porém, não desnoiteou os observadores. Era, de facto, no conjunto que se tornava necessário atentar. Os sucessos seguiram por um veio central de viragem que, começando propriamente no fim do ano, passara em Casablanca, numa vila de veraneio, e ainda não terminou. Os deslocamentos progressivos dessa viragem, um pouco como acontece com os carrões de pesadas cargas, provocaram rangidos, emperramentos, e o aceleramento forçado a que, em certos sectores, eles foram submetidos, por vezes deram a impressão de que todos eles oscilavam, com risco.

A HIPÓTESE DE UM JORNALISTA

Al por meados de Janeiro, o famoso e autorizado Ward Price escrevia, no Daily Mail, o seguinte cálculo: «Os Aliados têm já uma guarda avançada em posição para uma possível invasão do sul da Europa num futuro próximo. É um exército de 100.000 homens, e susceptível de aumentar os seus efectivos logo que seja abastecido de mais munições e equipamentos. Organizado em brigadas de divisões, sob o comando dos oficiais do Exército Regular, está ligado por uma linha de comunicações secretas com os Quartéis Gerais da Grã-Bretanha e do Norte de África. O general Draza Mihailovich, Ministro da Defesa da Jugoslávia, que dirige esse exército, declarou que se um dia os Aliados puderem desembarcar forças para limpar a Grécia central e do sul de tropas alemãs e italianas dentro de 48 horas. Isto facultar-nos-ia posições dos Balcãs contra as quais o inimigo apenas poderia avançar por caminhos difíceis através das montanhas do norte, ficando os seus mais próximos aeródromos muito longe do teatro das operações.

Há ano e meio antes, o general Auchinleck dizia, pouco mais ou menos, a mesma coisa. Num café de Istambul, conforme ao tempo narrei, esses prognósticos do então chefe do exército que protegia os acessos orientais do Egipto na linha da Transjordânia, deram que falar numa conversa entre oficiais turcos e dois jornalistas estrangeiros que então o narravam.

Nos últimos dias, dentro do ambiente encorajador em que Churchill construiu a histórica conferência anglo-turca de Adana, renovando a preciosa aliança de Londres com Ankara, que nos trágicos dias do colapso da França, salvou para as Nações Unidas os caminhos da Índia como, mais tarde, os dos reforços à Rússia — nos últimos dias, repetimos, transpareceu coada na rede de informações que se acumularam algo sobressaltadas, uma notícia de aglomerações de forças Aliadas em qualquer parte da costa africana, que deu sublinhado àquelas sibilinas referências de Ward Price.

De facto, o teatro eventual duma efervescência balcânica ganhou relevos acentuados nos últimos tempos.

É nosso dever estarmos vigilantes, dizia, a 24 de Fevereiro, o presidente turco Inonu, reeleito no dia 8 em Ankara pela Assembléa Nacional, confiando de novo o poder a Sarad Joghlu, que no dia seguinte reformou apenas ligeiramente o ministério. E este, três dias antes, soubera aproveitar o ensejo para declarar que estava firmada uma aliança real entre a Turquia e a Inglaterra, e que a amizade turco-russa era de cada vez mais forte. Eden já asseverara estar inscrito no programa das Nações Unidas um novo entendimento balcânico, rejeitando a Bulgária para ajustes de

contas futuros, acerca dos quais a Imprensa londrina recordava que fóra através do território búlgaro que o exército de Franchet d'Esperey subira para o Danúbio.

Talvez não andem por fora destas órbitas as fortificações instaladas pelos alemães no pórtico búlgaro de Varna contra eventuais arremessos russos providos do Mar Negro, agora com benevolentes olhares da Turquia, a repressão policial do que de Sofia se chama o terrorismo, a respeito das quais, no dia 4, o presidente Filov ia denegar em entrevista concedida ao «Corriere della Sera», de Milão, através de protestos italianófilos, qualquer simpatia do seu governo para com a Rússia, e advertir que se perante a Turquia ele continuava a manter-se em estrita neutralidade, o exército búlgaro está em condições de efectuar uma rápida mobilização de um momento para o outro.

Neste panorama, o núcleo jugoslavo de Draza Mihailovich polariza-se como um centro de influência crescente, não só em relação aos actuais acontecimentos, mas aos que abrem perspectivas a uma segunda frente. Prendendo 22 divisões alemãs por meio de constantes ataques, ele tanto ameaça e contém em respeito outras veleidades de vizinhos povos da península, como poderá servir de socorro às previsões de Ward Price, cortar as possibilidades à ligação búlgaro-italiana de Durazzo-Sofia-Rustuk que já tão, preciosa foi a quando da guerra italo-grega, e manter uma base de acção em correlação dos sucessos na frente leste, que comandam neste momento, mais do que nunca, a evolução geral dos acontecimentos da nova fase da guerra.

O RECULO RUSSO NO DONETZ

Assim o provam conjuntamente dois factos que sobressaíram do noticiário na última quinzena.

No dia 10, o comunicado russo confirmava outros anteriores de Berlim, acerca do êxito da reacção alemã na Bacia do Donetz com os seguintes dizeres: «Na região do curso

inferior do Don o inimigo reorganizou 8 divisões de carros de assalto e 5 divisões de infantaria que haviam sido derrotadas e dispersas em combates anteriores e recentemente lançou nessa região doze novas divisões, das quais quatro são de tanques, uma de tropas motorizadas e sete de infantaria, todas trazidas da Europa ocidental. Assim, os alemães concentraram nesse pequeno sector, doze divisões de carros de assalto, uma divisão motorizada e doze divisões de infantaria. Em fins de Fevereiro o inimigo iniciou com essas forças poderosas contra-ataques às nossas tropas que avançam para o rio Dnieper.

E explicava a seguir:

«O comando alemão, por meio de movimentos envolventes profundos, procurava cercar e aniquilar os nossos destacamentos avançados e voltar a ocupar a região de Kharkov. Os nossos destacamentos avançados travaram combates defensivos contra um inimigo numericamente muito superior e retiraram, por ordem do nosso comando, para o nordeste, na região da margem norte do curso superior do Donetz. As nossas tropas abandonaram as cidades de Krasnograd, Slavyansk e Lissichansk. Os novos esforços que o inimigo empreendeu para desenvolver a sua ofensiva e atravessar o Donetz e retomar Kharkov encontraram a resistência tenaz das nossas forças e não obtiveram êxito.

Na verdade, desde os últimos dias de Fevereiro não podia deixar de concluir-se que a ofensiva russa sobre a grande curva do Dnieper fóra truncada. No dia 1, Berlim anunciava a reconquista de Lozovaya e Krमतorsk, e de Estocolmo reconhecia-se que «os alemães procuram tirar vantagem da primavera precoce que, naturalmente, oferece grandes dificul-

dades a um exército, realizando a ofensiva e por isto multiplicam os contra-ataques na referida Bacia» tendo logrado deter o avanço russo para o ocidente; e acrescentava-se que «se conseguirem manter-se nas linhas actuais terão a possibilidade de renovar mais tarde a ofensiva contra Rostov, pelo que os russos estão resolvidos a tentarem empurrá-los mais para o oeste e, sendo possível, para além do Dnieper». As batalhas enfureciam-se nas regiões a sul e oeste de Karkov, e até hoje 13, com os alemães já na periferia da cidade, lá continuam. A incontestada vitória alemã não logrou ainda o golpe estratégico da ultrapassagem do Donetz e só daqui a semanas se poderá verificar até onde ela foi ou se conseguiu completar-se ou ficar em meio. Mas o objectivo germânico persiste. No dia 12 havia notícia de que reservas alemãs e russas eram arrastadas para a frente a todo o pano. O pleito ficava indeciso ainda. A pergunta que se faz neste momento é, no entanto, se neste decurso do violento transe, já é possível que do choque no sul saia um resultado amplo para o atacante, ou se a situação criada na parte norte da frente não modificará aquela.

A MANOBRA PELO NORTE

A confissão do comunicado russo é de 10 de Março, como acima se vê. Porque se publicou só dez dias depois dos novos movimentos ofensivos do alto comando soviético na parte setentrional da frente? Decerto porque se aguardava a repercussão destes sobre aqueles. Com efeito, segundo o comunicado alemão de 1, à noite, o marechal Timochevco empreendera uma nova ofensiva contra o Lago Ladoga na frente a leste de Lenine-

Depois da vitoriosa campanha do Egipto, da Líbia e da Tripolitânia, realizada segundo os seus planos de comandante supremo das tropas imperiais britânicas, o general Alexander deslocou-se para a Tunísia, onde está preparando a ofensiva decisiva contra as forças germano-italianas de Rommel e de Von Arnin. Apesar do peso tremendo das suas responsabilidades, este general, como bom inglês que é, ainda tem a calma bastante para, durante uma viagem de avião, ler um curioso romance policial...



grado e atacava 30 quilômetros a sueste do Lago Ilmen, e a 185 quilômetros a noroeste de Rjev, em Demjansk, cuja teste de posição e poderosamente fortificada desde Setembro de 1941 pelos alemães, fôra evacuada em três horas por estes. O comunicado alemão continha, no entanto, estas expressões: «A retirada das linhas alemãs, preparada de longa data, foi realizada sistematicamente depois de todo o material ter sido retirado» o que era mais importante. A profundidade deste movimento era avaliada pela ocupação de Zaluçhye e Lykhovko, até aos lagos de Seliger e Elye, na zona dos Montes Valdai, onde fica a conhecida e disputada Staraya Russa.

Timochenko ia assim dar um braço salvador à arriscada posição avançada russa em Veliki Lutri, a noroeste de Smolensko que (e ainda tanto se ignora porque os alemães não a derrubaram, como porque os russos a puderam conservar desde a batalha de Rjev no ano passado), e ameaçar directamente esta última cidade que apontava a grande promessa de futuras desforças contra a ambição do Moscow. A 3, os alemães evacuavam-na. Dois dias depois desenhava-se melhor o objectivo de Timochenko para Kholm e para o sul de Staraya-Russa, em dois braços que se estendem para o centro ferroviário de Don. No centro, o alcance estratégico da nova frente Lgov e Dimitriev-Lgorski, e a via férrea de Kharkov a Briansk. Quanto à operação do estreitamento da frente alemã em Rjev, o seu objectivo dependia da sequência dos acontecimentos entre Smolensko e Viazma, pois parecia provável que ao «desprezamento» de Rjev succedesse uma linha de frente alemã cobrindo a primeira daquelas cidades.

No dia 11 — o que mostra o valor da resistência alemã — o Comunicado de Berlim que, no sector médio da frente Leste, a cidade de Viazma foi evacuada metódicamente, durante a noite de 12 de Março, pelas tropas alemãs. E nota muito importante: «Os movimentos de libertação, no sentido dum estreitamento da frente, foram precedidos da destruição da fábrica de distribuição de água, de fábricas industriais e de instalações ferroviárias, assim como do aeródromo e da auto-estrada».

UM SINAL DE NERVOS

Estes mesmos acontecimentos dearam azo ao incidente a que atrás nos referimos. Relendo-se o comunicado russo de 10, nas passagens atrás transcritas, encontra-se lá expresso que o alto-comando alemão havia podido trazer para a grande batalha, aumentando a sua superioridade de forças, divisões que estavam em França. A 18 de Fevereiro, a um correspondente da Reuter no Campo de operações do Volga, já o general russo Molingiski que chefiava o assedio, e que, como acontece na Rússia, fala com conhecimento de Estaline, clamava que as operações na África do Norte «não forçaram os alemães a retirar tropas da frente russa». E acrescentava: «Nós vimos chegar novas forças alemãs trazidas de França, o que significa que o inimigo se forçou os seus efectivos na Rússia à custa do seu poderio militar na Europa Occidental». É a mesma tecla.

No dia 10, o embaixador norte-americano em Moscovo, o almirante Standley, declarava aos representantes da imprensa: «Até agora não encontré nos jornais russos qualquer expressão de gratidão pela ajuda material que a Rússia recebe dos Estados Unidos através da lei empréstimo e arrendamentos ou canalizada pela Cruz Vermelha americana. Na minha opinião, os russos procedem desta maneira para dar a impressão de que estão só a fazer a guerra e que não contam senão com os seus recursos».

A agitação que se succedeu a estas informações — pedidos de explicações de Sumner Welles, censuras no Senado de Washington, perguntas nos Comuns, comentários apaixonados, efeitos tirados em Berlim e em Roma — não conseguiram retirar ao caso o seu volume de escândalo.

No dia do 25.º aniversário do exército soviético, altas personalidades da política britânica haviam revelado as assombrosas quantidades de material comportado no auxílio anglo-americano enviado aos russos. Stelinus, administrador da lei do Empréstimo e Arrendamento repetiu-o no dia 7. As *Isvestia* publicou um extracto desse relatório, mas o locutor oficial da emissora moscovita lera alguns passos como quem faz ditados, dizia um telegrama, algo queixoso. A questão ficou no ar, lançando, como um balão cativo. No dia 12, Standley assumia a responsabilidade pessoal do que dissera, e ao transmiti-lo à imprensa o Secretário de Estado recusava-se a ma-

nifestar-se sobre o que succederia ao embaixador...

Este incidente veio provar novamente como a guerra fustiga os nervos numa ansiedade crescente. Não afitou só para o leito, doentes, Roosevelt a Casa Branca, Churchill em Downing Street, Hitler em Berchtesgarden.

Frustrando o desejo das multidões, gera estados psicológicos de enervamento que toidam muitas vezes os melhores ambientes. Também na guerra, como na vida, o mais difícil é saber esperar.

A VIAGEM DE EDEN

A descongestionar esta atmosfera surgiram, no dia 13, em toda a Imprensa mundial, notícias de que Anthony Eden, ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, apparecera em Washington. Nos títulos de todas estas annuncias-se que a viagem havia por fim o estudo de duas ordens de questões: as do norte de África e as do depois da guerra. Numa recepção aos jornalistas, o ministro fazia naquele mesmo dia declarações sobre os seus objectivos, que podem ser apresentadas na seguinte ordem: a) colaboração preliminar da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e da Rússia; b) conglomeração da China e dos outros membros das Nações Unidas naquele núcleo central; c) estabelecimento de medidas que no depois da guerra impeçam que a Alemanha e o Japão possam voltar a fazer o mesmo, tratando-se das precauções acerca da Itália como caso à parte; d) união político-militar de todas as forças francesas que combatem a Alemanha; e) estudo em conjunto e sem rivalidades dos problemas das comunicações aéreas para depois da guerra; f) a questão das fronteiras russo-polacas não está em ponto de ser imediatamente discutível.

Do outro lado do Reno focava-se a viagem de Eden (que se fazia acompanhada por dois especialistas de questões francesas) como confissão de não se querer uniuão no campo de adverso acerca dos problemas da guerra e da paz, e de que a vitória das Nações Unidas não é «fácil nem próxima» — expressões estas que se ligam directamente com o famoso dilema que von Kuhlmann punha no Reichstag em 1918 e que a Alemanha de hoje repete: — Se os Aliados não ganharem a guerra, perdem-na; se a Alemanha não perder a guerra, ganha-a.

Em relação às viagens anteriores, o «Times» differenciava esta assim: «As visitas de Churchill aos Estados Unidos trataram principalmente de assuntos urgentes de estratégia. As de Lord Lyttelton de problemas de produção. A de Eden tratará de problemas políticos». A mesma distinção poderia fazer-se, um tanto aprioristicamente, entre esta última e a de Casablanca. Era, e é, porém, evidente, que as questões políticas não podem ser separadas das questões de guerra militar, e que as operações não são realizáveis quando as reatguardas interiores se dessoldam. Aqui temos citado como exemplo disto mesmo a atonia das campanhas do norte de África, consequente dos partidarismos que se degladiaram em Argel.

Nos flocos desta viagem de Eden soaram dois rumores que, mais ou menos, deixavam perceber como o incidente atrás apontado que as declarações do embaixador Standley

haviám provocado, fôra motivo para não demorar estes encontros em capital americana. Um surdido de uma frase de Roosevelt, revelada pela «Reuter». O presidente, interrogado pelos jornalistas no mesmo dia da chegada de Eden sobre uma possível sua visita a Estaline, «respondera com enigmático sorriso que ainda não podia tomar posição a este respeito». O outro rumor provinha de origem alemã, segundo a qual, o governo soviético preguntara, no dia 10, a Londres, sobre a oportunidade de uma comparação de Molotov na capital britânica, e que o embaixador russo ali, Maitski, recebera a resposta de que se lamentava não poder dar acôrdo a essa proposta por Churchill estar ainda fisicamente impossibilitado de conduzir negociações, e de Eden ter de partir sem demora em viagem muito urgente.

Eden era portador de uma palavra de Churchill que na aludida conferência com os representantes da Imprensa reproduziu nos seguintes termos:

Os revezes e as contrariedades são absolutamente certos antes que tenhamos conseguido ganhar a guerra e depois da paz. Portanto, a divisa será trabalhar sem descanso até obter acôrdo a dois objectivos, sem olhar a canseiras nem revezes.

De Londres asseverava-se, talvez como auspício, e que o governo soviético, uma vez conhecido da viagem, se mostrava satisfeito, e talvez por isso mesmo, e quasi simultaneamente, para descondenamento do ambiente, assim como Montgomery não hesitara em asseverar que a contra-offensiva russa havia auxiliado a vencer Rommel, assim Litvinoff em Washington acudira a reconhecer quanto para aquela haviam sido de enorme valor os auxilios materiais fornecidos pelos Aliados.

PROBLEMAS PULULANTES

A idéia de uma conferência Internacional inter-aliada não é nova e toma vulto de cada vez maior, à medida que, com o prolongamento da guerra, os diferentes políticos se acumulam. A lharga da viagem de Eden, quatro senadores norte-americanos, Hatch, Ball, Burton e Hill, depois de conferenciarem com o presidente Roosevelt, tomavam a iniciativa de propor essa conferência. A proposta, mais reduzida, haveria de ser friamente acolhida no Senado. Era uma intercepção nas negociações.

A par deste episódio quasi fortuito, appareciam, emitidas pelo general Smuts, em entrevista que concedera a «United Press», em Johannesburg, no dia 14, declarações de maior tomo:

— Desde que as nações do Eixo sejaq desarmadas e tomadas as devidas precauções contra o seu futuro armamento, parece-me que elas poderiam participar perfeitamente, com as nações aliadas, no que respeita à satisfação das suas necessidades económicas e financeiras. Qualquer política tendente ao seu constrangimento económico ou à exclusão dos mercados mundiais retardaria a reconstrução mundial e levaria, mesmo, a novas perturbações.

E acrescentou: — De futuro, a paz mundial será estável e permanentemente segura, assentando somente na base de uma organização mundial de carácter mais efectivo do que a Sociedade das Nações e, provavelmente, com a estipu-

lação de acôrds, continentais ou outros, para estabelecimento de zonas especiais de influencia.

Dada a extraordinária estatura politica do grande homem de Estado, as suas palavras assumem o valor de uma orientação geral, com repercussões assás importantes para a opinião mundial e para a politica do Eixo.

«O clous» das conferencias era, no entanto, e já visível obter um acôrdo do governo soviético acerca do futuro dos países ocupados no leste europeu. Eden não parece haver perdido horas em trabalhar por ele, e da agudeza dos differendos falava bem alto Cordell Hull — regressado súbitamente de curtas férias — ao afirmar, após a sua primeira entrevista com o ministro inglês, que «as negociações acerca iniciadas bem poderiam vir a ser alargadas à União Soviética, China e ás outras nações que desejassem trocar impressões», e que a guerra durará mais tempo do que muitas pessoas pensam». Eden era assim apresentado, no dizer de «Daily Mail», como um mediameiro em discordâncias russo-americanas. Mas atava-se aqui, neste ponto crucial, o nó gordio: — se, como dizia o correspondente do mesmo jornal, tudo se resumia em encontrar um plano que possa corresponder ás aspirações da Rússia, quais estas aspirações,

O conde Rackynski, ministro dos Negócios Estrangeiros polaco, advertia, três dias depois, perante o Conselho Nacional, reportando-se ás concepções do general Smuts, que na organização mundial todas as potências do grupo das Nações Unidas têm direitos iguais. «Os serviços da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, da Rússia e da China na conquista da vitória serão grandes, e a sua colaboração colectiva na defesa dos principios proclamados há-de ser universalmente bem acolhida, mas seria erroneo criar um organismo no sentido de o transformar num agrupamento exclusivo que seria uma espécie de pacto de quatro potências».

E, no dia 19, ainda o ministro inglês, cuja viagem se denominava de «explicação e sondagem», não havia conferenciado com o embaixador russo...

A única verba que a esta data se inseria no activo dos Aliados era a do congratamento politico dos generais Giraud e De Gaulle, depois de publicado, no dia 15, o memorando de De Gaulle enviado a quele a 23 de Fevereiro, e de feitas pelo primeiro de declarações em que substancialmente aceita as bases de uma acção comum, entre as quais as do não reconhecimento do armisticio, da revogação da legislação de Vichy e o corte de relações com Pétain e o governo Laval — não tão sólido que os marujos que haviam tripulado as unidades de guerra que o general Giraud enviara de Dakar para os Estados Unidos não desertassem para De Gaulle (como disse Knox, com o risco de imobilizarem os navios), sendo presos e enviados a quele sob prisão enquanto os representantes de De Gaulle não se compromettessem a não aceitar a adesão de mais desertores.

RESUMO

Neste panorama, a guerra, com perspectivas de duração, oferece os beligerantes em duas crises. Se a dos Aliados é a que se deixa patente, a do Reich equivale-a. Um e outro grupo operam como uma realaboração de forças, uma rectificação de desvios, em reconstituições de planos. A viagem do archbispo de Nova Iorque, Mgr. Spellman *ad limina*, tão semelhante por objectivo e causa à de Miron Taylor, fica a marcar o vértice em que as duas crises se tocam. A rádio de Vichy transmitiu, no dia 16, declarações de Goebbels aos jornalistas estrangeiros no domingo anterior, segundo as quais a Alemanha perde o melhor do seu sangue na frente oriental, mas que as baixas são vinte vezes menos elevadas do que se supõe no estrangeiro. A mobilização da mão-de-obra obriga a encerrar centenas de instalações do partido. Fricke, porta-voz oficial, reclama do povo alemão a consciência forte «para afrontar a crises».

Desta maneira, as operações militares estão sob a influencia directa — num e noutro campo — de factores que necessariamente retardam a execução dos planos dos alto-comandos. Tudo o que foram previsões de vitórias, se desvanecem. Tanto se aventam offensivas para a Primavera, como para o Verão. A idéia de soluções para 1943 morreu na casca. E Março vai no fim... O que custa, realmente, é esperar. Não, saber esperar. Mas poder esperar. E é esta, talvez, a causa imperiosa das duas crises...



Perante o Sub-Secretário de Estado das Corporações, sr. dr. Trigo de Negreiros, tomou há dias posse a nova comissão administrativa do Sindicato Nacional dos Jornalistas, a que preside Luiz Teixeira, e de que é secretário geral o nosso chefe de redacção, Álvaro de Andrade.

Entre nós

BIB VIDA POR VIDA AOS MORTOS EM SERVIÇO

1: PATRÃO
13-8-1865
CONDUCTOR
18-7-1867
2: PATRÃO
20-7-1871
BOMBEIRO
31-8-1882
BOMBEIRO
16-4-1904
BOMBEIRO
13-1-1916
BOMBEIRO
13-1-1916
BOMBEIRO
17-11-1917
BOMBEIRO
3-5-1919

CUSTÓDIO ZEFERINO DE BRITO
TRAVESSA DA GLÓRIA
JOÃO VICOSO
ASILO MARIA PIA
DOMINGOS PEREIRA DE LIMA
TRAVESSA DO CORPO SANTO
JOSE JOAQUIM DE ALCANTARA
RUA 24 DE JULHO
POLICARPO LUIZ
CALCADA DE SANTO AMARO
JOSE JUSTINO DIAS
ST. CLARA D. DE FARDAMENTOS
CARLOS PEREIRA
ST. CLARA D. DE FARDAMENTOS
JUSTINO NARCISO
CANHONEIRA 180
GUILHERME DA SILVA
CADEIA DO LIMOEIRO

0037-1939



No Quartel do Comando do Batalhão de Sapadores Bombeiros, na Avenida Presidente Wilson, realizou-se, com a assistência do sr. engenheiro Rodrigues de Carvalho, presidente da C. M. L., a cerimónia do compromisso de honra e entrega de machados a 27 recrutas. Antes da realização da parada, descerrou-se uma placa de bronze — que se vê ao alto — em que estão inscritos os nomes dos bombeiros mortos em serviço, e que constitue homenagem dos 27 recrutas de 1942. Depois de ter pronunciado algumas palavras, o sr. capitão Gomes Marques e o sr. engenheiro Rodrigues de Carvalho passaram revista às viaturas novas.



Tomou posse há dias a nova Direcção da Sociedade de Geografia, de que fazem parte os srs. conselheiro Azevedo Coutinho, dr. Ruy Ulrich, major Alvaro Fontoura, general Teixeira Botelho, o sr. dr. Pedro José da Cunha, o coronel Vicente Ferreira, o general Almeida Azevedo, dr. Cortês Pinto, Roque da Fonseca e coronel Ribeiro Vilas.

O sr. dr. Mário de Figueiredo, ministro da Educação Nacional, deu posse, no seu gabinete, ao novo director geral do Ensino Superior e das Belas Artes, sr. dr. João Ferreira de Almeida — acto a que assistiram numerosas individualidades.



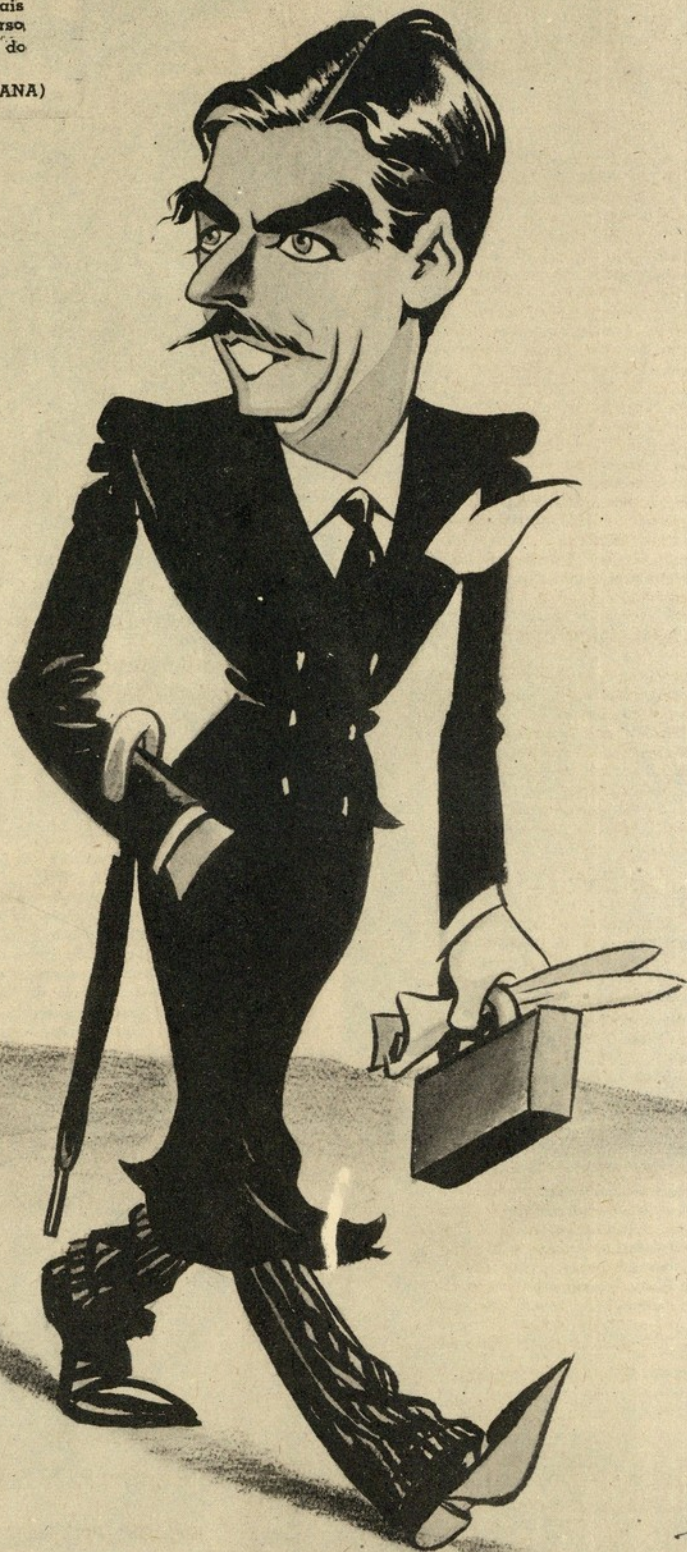
Na direcção dos Hospitais Civis realizou-se a posse dos srs. Alexandre dos Santos Pinto e José Maria Alves, nos cargos, respectivamente, de fiscais geral e adjunto. Assistiram, além de fiscais privativos dos hospitais, pessoal de enfermagem e funcionários hospitalares, o corpo clínico, entre o qual os srs. prof. dr. Azevedo Neves e dr. Luis Adão.



ANTHONY EDEN

Ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha, actualmente nos Estados Unidos da América, onde está desempenhando uma missão da mais alta importância para o curso da guerra e para o futuro do mundo.

(Caricatura de SANTANA)



AQUI entre NÓS

DOIS VULTOS

RECORDOU-SE o centenário do nascimento de Sousa Martins e pôs-se uma lápida na casa onde nasceu Cândido de Figueiredo. Pode bem dizer-se que ambos foram homens de letras e de ciências — embora Cândido de Figueiredo fosse, precisamente, um praticante da ciência das letras. Sousa Martins era, como se sabe, um grande médico, professor de Medicina. Tinha o dom quasi infalível do diagnóstico e morreu tuberculoso, ainda bastante novo. Mas, sendo a ciência o seu culto principal, profissional e de devoção, elle era também um conversador excepcionalmente brilhante, um orador elegante e capaz do melhor improviso. Cândido de Figueiredo era o apaixonado rebuscador de todos os fenómenos da evolução linguística e deu à filologia portuguesa um alto nível de realidade científica. As letras e as ciências não andam assim tão longe entre si como muitas vezes parece. E não é raro, afinal, ver o seu culto reunido com o mesmo carinho e o mesmo perfume de sabedoria na mesma pessoa. A história literária está repleta de exemplos e já o autor de «A Castro» sentenciava, com o sabor clássico das suas fórmulas, que «não fazem mal as musas aos doutores»...

A MEDIDA DAS EMOÇÕES

NUMA noite, houve um princípio de incêndio no Teatro Nacional; noutra noite, um motociclista que se exhibe no Coliseu teve um desastre que o impediu de chegar ao fim do seu trabalho. Este é o espectáculo que se desenrola à margem do espectáculo — e seria sempre o mais emocionante se se passasse à vista do público. Mas a regra, nesses momentos ansiosos é a de se correr a cortina. A emoção é um tónico forte: tem de ser por contagiosas...

O VALOR DO LIVRO

O Livro de produção italiana veio mostrar-se a Lisboa, numa exposição que é, simultaneamente, regalo para os olhos e pretexto para meditação de espírito. Um livro é um testemunho que se entrega de geração em geração, no tempo e no espaço. É a expansão de idéias e de sentimentos. No caso presente, bem se pode dizer que é um povo que se mostra a outro povo. Destas pedras de compreensão é que resulta o necessário entendimento entre as nações.

O PROBLEMA DAS CARNES

O problema resultante da falta de carnes nos mercados de consumo — designadamente em Lisboa — subiu até à mais alta assembléa do país, onde alguns deputados expuseram as suas idéias sobre o assunto. Cada um propõe seus remédios, por cada pormenor em que faz assentar a sua observação. O debate dá do caso a visão de conjunto. As soluções é que nem sempre são fáceis, por isso se prolongando a indecisão. Onde passa a linha geométrica que demarca o equilíbrio de interesses?

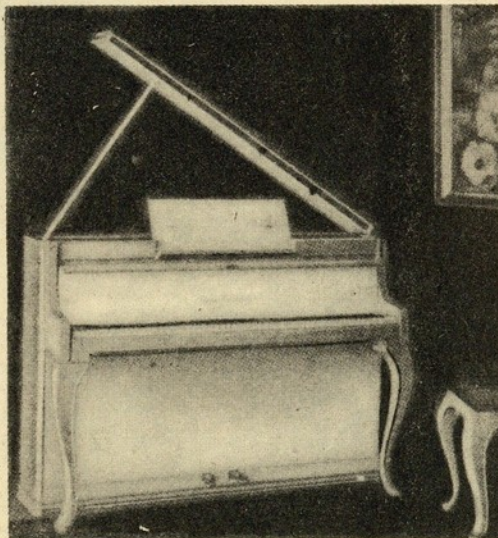
Vida
MUNDIAL
Ilustrada

PUBLICA-SE TÓDAS
AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR:

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA
TELEFONE: 2 5 8 4 4

Para casa moderna Piano moderno



EST. VALENTIM DE CARVALHO
R. Nova do Almada, 97 — LISBOA

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

PARA

FILADELFIA

UM VAPOR A SAIR NO DIA 15 DE ABRIL

RECEBE CARGA E PASSAGEIROS

TRATA-SE

EM LISBOA:

R. do Comércio, 79 a 85 — Telef. 2 3021 a 2 3026

NO PÓRTO:

Rua Infante D. Henrique, 73 — Telef. 1 434



○ Rei Haakon, da Noruega é uma das grandes figuras desta guerra. Tendo resistido na sua Pátria contra a invasão das tropas do Reich, teve depois de exilar-se em Londres, onde como rei e como primeiro soldado do seu país continuava uma luta sem mercê contra os seus inimigos.

Nesta foto vemos o simpático e corajoso soberano condecorando um dos oficiais da sua marinha numa base naval da Escócia.